



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

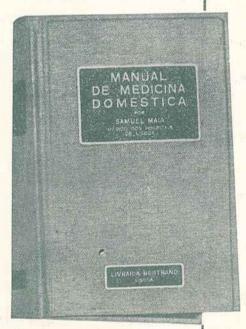
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O Manual de Medicina Doméstica, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestávelmente de grande utilidade, trabalho cuja seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O Manual de Medicina Doméstica ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos sôbre enfermagem, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a alimentação para os doentes ou convalescentes e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num indice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁ-CIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁ-RIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

r vol. de 958 páginas nítidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina Esc. 35\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA - Rua Garrett, 73, 75

MESES

6

64880

64\$50

69\$00

64\$50 69\$00

67\$00 91\$00

75\$00

32\$40

12

120500

129\$60

129\$00

120800

134\$00 182\$00 150\$00

198\$00

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dores com o



a GOTA, a SCIÁTICA . REUMATISMOS Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica unien franco bastara parar vos convencer da rapider da sua acção. À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

Outros países (Registada) VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ILUSTRAÇÃO Director: ARTHUR BRANDÃO Editor: José Júlio da Fonseca

PRECOS DE ASSINATURA

(Registada)

(Registada)

Propriedade da Livraria Bertrand (s. A. R. L.)
to e impresso na Impressa Portugal Brasil. — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1." — Lisboa

:: ENCADERNADOR ~ DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposicões a que tem concorrido. — DIFLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 22074

NOVIDADE LITERÁRIA

PARA OS RAPAZES PORTUGUESES

POR Afonso Lopes Vieira

1 vol. de 48 págs, formato $26^{1/2} \times 20$, com desenhos e capa a côres de Lino António, br. Esc. 7\$00 Pelo correio à cobrança, Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



RHEUMATISMO-GOTA NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

O mais económico e o mais interessante magazine mundial

O de maior tiragem e o de mais actualidade que se publica em Paris

Formidável documentário dos mais palpitantes assuntos

48 páginas, profusamente ilustradas apenas Esc. 2\$60

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

GRAVADORES **IMPRESSORES**

Bertrand, Irmãos, L.

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27 LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris O finfarto do miocardio O sindroma de Adams-Stokes

PECLO DR. EDUARDO COELHO

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 páigs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, pro-fuisamente ilustrado, Esc. 25\$00 Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVVRARIA BERTRAND -- 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 75 - Lisboa

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

 1 volume brochado
 15\$00

 Pelo correio à cobrança
 16\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND 73, Rua Garrett, 75-LISBOA



ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., Esc. 15\$00; pelo correio à cobrança, Esc. 16\$00 Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE XENOFONTE

Trad. e prefacio de AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 352 págs., broch. 12\$00 Pelo correio à cobrança. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4500

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Acaba de aparecer:

A VERDADEIRA HISTÓRIA E VIDA DA

SEVERA

(Maria Severa Onofriana) 1820-1846

por JULIO DE SOUSA E COSTA

Apontamentos e notícias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, cantadeira e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da «Severa» — Doença e morte — Vala comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, Esc. 8\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 8\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRA-ÇÃO: RUA AN-CHIETA, 31, 1.0 TELEFONE: – 2 0535

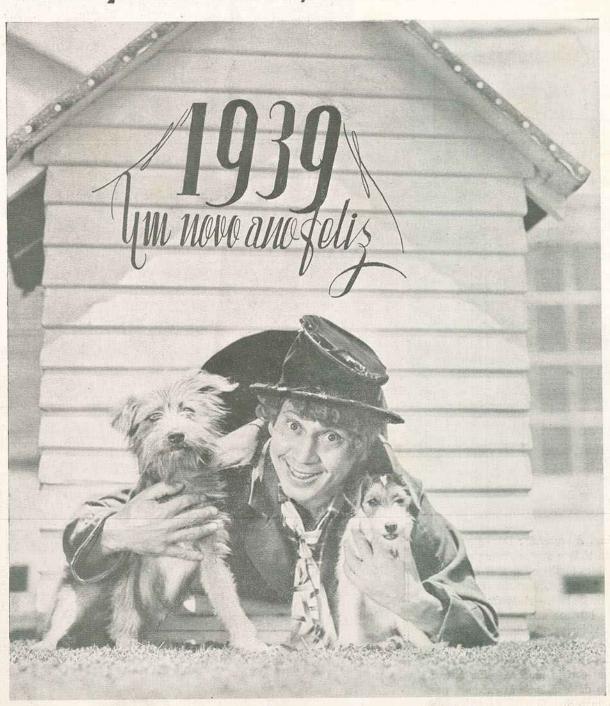
> 1-JANEIRO-1989 N.º 818 – 14.º ANO

DIPONDE MONVIOL MONTAGLES OF DIRECTOR ARTHUR BRANDÃO

Palo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matériapublicadanão tenna a concordância do seu director.

Editor : José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na Imprensa Portugal-Brasil — Rua da Alegria, 30-Lisboa

Aos nossos gueridos leitores, colaboradores e anunciantes

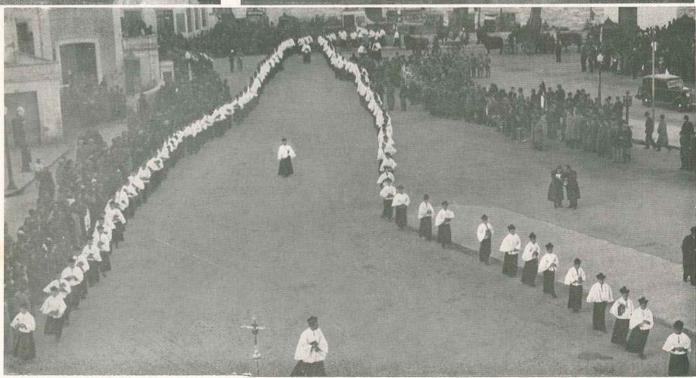


Entrando no seu 14.º ano de existência, a Ilustração deseja a todos os que tãos gentil e generosamente a têm auxiliado na dura senda das coisas impressas, um novo ano cheios de prosperidades



ACTUALIDADES DA QUINZENA





Em cima, à esquerda: Dôr que se manifesta em tôda a sua amargura no rosto dessas pobres mulheres que o naufrágio da lancha "Tonecas", ocorrido há dias no Tejo, cobriu de luto.—A direita: O sr. ministro do Interior acompanhando o funeral das vítimas do naufrágio.—Ao centro: Um aspecto do funeral, vendo-se os alunos do Seminário de Almada encorporados no cortejo fúnebre.—Em baixo: Um trecho da assistência às exéquias por alma do marechal Gomes da Costa, na igreja de S. Domingos, no dia do aniversário da morte do saüdoso cabo de guerra.



O NAUFRÁGIO DO «TONECAS»





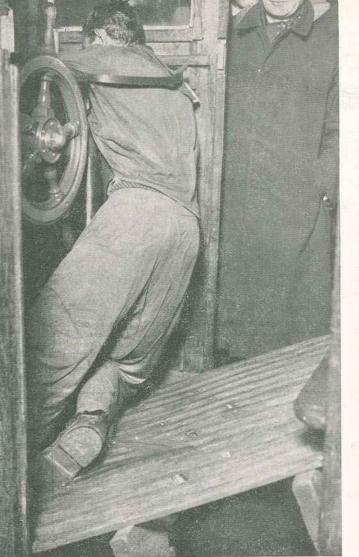
A esquerda: A draga «Finalmarina» atracada ao cais após a catástrofe do afundamento da lancha «Tonecas». A direita: A lancha a motor «Tonecas» que a draga «Finalmarina» despedaçou e meteu no fundo, causando quatro mortos e nove passageiros desaparecidos



O'sr. general Amilcar Mota visitando os feridos, em representação do Chefe do Estado. — Á direita: A família de Luiza Nunes Ferreira visitando a náufraga no hospital de S. José. A expressão da jóvem dá bem a ideia da pavorosa catástrofe de que tão dificilmente se salvou



Os «salvados» que recolheram na Polícia Marítima, vendo-se à esquerda o mestre do rebocador «Atro» que tomou parte nos trabalhos de recolha de náufragos. — Mais «salvados» amontoados na Polícia Marítima — o pouco que munito diz dessa desgraça emocionante



A CATÁSTROFE DO «TONECAS»



O cadáver do desventurado António Germano na posição em que foi encontrado: uma mão no leme, outra no telégrafo. Nas costas vê-se a correia da mala do dinheiro. — Á direita: O cadáver na sua rigidez emocionante. — Em baixo: Um aspecto do pôvo que, de terra, seguia os trabalhos dos rebocadores para levantamento da lancha «Tonecas» metida no fundo pela draga «Finalmarina».



MA MULHER QUE SOUBE A

ONHECI esta mulher. Um dia, no deambular da minha vida artística pelo mundo, encontrei-a.

Achei-a diferente das outras. Tinha no olhar como que diluidos todos os tormentos que podem alancear um coração humano.

Na sua atitude havia um não sei quê de misterioso.

Falava pouco com as pessoas que se lhe chegavam ao pé, nunca falava de si e nunca a vi sorrir francamente.

Apenas esbocava um sorriso forçado, um sorriso de etiqueta para não passar por incivil junto daqueles que a cumulavam de gentilezas.

Porque agradava a tôda a gente, esta mulher.

Os homens sentiam por ela uma atracção especial, não porque ela os envolvesse em garridice ou lhes desse a mais pequena liberdade para poderem pensar dela coisas menos dignas, mas é que em tôda a sua figura havia um "charme," muito feminino, que prendia irresistivelmente.

As mulheres, essas então, gostavam dela, justamente porque as não ofuscava na conquista do macho, visto que ficava sempre indiferente aos galanteios masculinos, como que envolta numa frieza invencivel.

Eu era do grupo que a rodeava no teatro e no casino, mas poucas vezes lhe dirigia a palavra, porque o que eu queria era encontrá-la um dia sòzinha, e poder devassar a sua alma que me interessava.

Por detraz daquela capa de insensibilidade, devia haver uma ferida, provàvelmente uma ferida de amor que são as feridas que mais doem, e que melhor queremos disfarçar ou esconder com aparencias calmas e impenetraveis.

Quanto mais se sofre, mais serena é a máscara que afivelamos.

Por tôdas estas considerações e pela minha tendência natural de sondadora de almas, eu tinha empenho em que aquela mulher se abrisse comigo, e me dissesse as coisas que não tinha ainda confiado a ninguém.

Queria ser a depositária da sua tragédia.

Uma noite no teatro, num dos intervalos, encontrámo-nos por acaso, na sala de "toilette". Não estava mais ninguém.

Emquanto ela arranjava os cabelos loiros e empoava o rosto muito belo ainda, eu contemplava-a e via-lhe no espelho os olhos doirados onde brilhava uma lágrima teimosa.

Eu já tinha reparado que os seus olhos brilhavam com os restos do pranto cho-

rado em segrêdo. E atrevi-me a dizer-lhe:

"Parece que anda sempre triste. Que mágua terá sido a sua, para assim lhe ter apagado no olhar a alegria de

viver? Para mim, romancista e artista de profissão, seria uma preciosa mina de emoções, se quizesse franquear-me o seu peito e mostrar-me as suas do-

Ela teve um trejeito triste, que queria ser um sorriso, e respondeu:

"Talvez me fizesse bem desabafar. Já amou alguma vez? Se amou, sabe o martirio que isso é, mesmo sendo amada também, porquesejacomo fôr o amor

nunca é alegre. E, então, quando somos só nós a amar, é um verdadeiro inferno».

Vendo-a em bom caminho para a con-

fidência, animei-a:

"Continue. Deite cá para fora todo êsse azedume que lhe amargura os seus dias e desassossega as suas noites. Verá que fica melhor, mais leve, sem tanto pêso no coração ... "

Ela cedeu, vencida pela sua própria

ânsia de expansão:

- "Ah! não calcula a tempestade que passou na minha vida! Eu vivia despreocupada, sem cuidados, sem penas, não feliz isso é certo, mas serenamente.

"Um dia dei com um homem que me agradou. Não foi paixão de princípio, mas em paixão, e avassaladora, se tornou depois.

"Eu vivia dêle e para êle. Era terna, carinhosa, talvez de mais, quando nos encontrávamos. Ele recebia as minhas caricias sem entusiasmo, pelo menos sem entusiasmo aparente.

"Parecia-me que não era correspon-

dida inteiramente.

"E tinha uns ciumes doidos do passado, do presente e do futuro. É insensato, bem sei, mas que culpa tenho eu de ter êste geito assim de amar com loucura?"

"É verdade, cada uma de nós é igual às outras nessa mania do exclusivismo, mas é natural e humano, quando se ama,. Interrompi eu.

Ela continuou:

"Mas êsse homem era positivamente num temperamento oposto ao meu. Parecia insensível a tôdas as provas de ternura que eu lhe dava.

"Eu gostava dêle, mas andava enervada

com aquele feitio sêco, sem uma palavra de carinho para desfazer as minhas dúvidas sôbre o seu sentir. Adoeci do coração. Andava sempre exasperada pela desconfiança e cheia de amor por êle, ao mesmo tempo.

"Era um tormento insuportável. Queria-o ao pé de mim, e quando o tinha a meu lado não podia com a mágoa de julgá-lo desleal, infiel.

'Resolvi acabar com êste amor, como quem faz uma operação - operação mais dolorosa do que tôdas as operações dos males corporais.

"E fugi-lhe. Sofri e sofro ainda muito, e sofrerei sempre, porque lhe quero

como então.

"Mas antes isto, do que ver o seu ar indiferente, quando eu me queixava, e até o seu sorriso trocista, quando o ciúme me fazia desvairar e estorcer de dor.

"Creio que êsse homem nunca me

compreendeu. Deixá-lo.

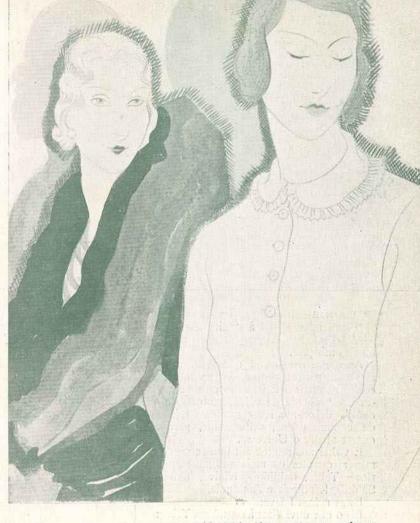
"Tenho-o ainda dentro da minha alma, como na primeira hora de paixão. Arredei-o do meu caminho, mas recolhi-o no meu peito para sempre. Só quando morrer me libertarei dêle."

E eu fiquei pensando como os homens são tão crueis que matam os proprios sonhos que crearam.

Valerá algum a pena de ser amado como esta mulher amou?

E são êles que nos chamam inconstantes... Já é descaramento!

MERCEDES BLASCO



FALAM OS ESPECTROSDOS ANTIGOS EMPÓRIOS

que se afundaram na poeirida sua inconcebível vaidade

RRANTE pelo mundo há quási dois mil anos, volter a minita terra tal tal, sonhando grandezas e acalentando ambições.

Após mil desalentos que apenas me serviram para compreender melhor os ensinamentos do Eclesiastes ao mostrar--nos a "vaidade de vaidades, tudo vaidade!, deixei-me levar por essa rajada de conquista que, actualmente, parece querer abalar o Universo.

E voltei aos pontos em que se ergueram arrogantes os mais antigos empórios - Tebas, Babilónia, Ninive, Tiro e Sidónia, Laodiceia e Antióquia.

Essas ruinas falavam...

Eis o que ouvi dizer à orgulhosa Tebas: "Que se sabe de mim?... Uns sacerdotes egípcios, que conheceram algumas das tradições da minha grandeza, ditaram-nas a Herodoto. Sem isso, e sem estas pedras venerandas, êstes blocos denegridos e êstes alicerces formidáveis que o sol beija no próprio lugar das ruínas, não poderia o mundo moderno aperceber-se da minha existência. Quando os cristãos perseguidos vieram parar ao meu seio, em busca de refúgio na solidão dos meus sepulcros, eu era apenas a sombra das minhas sombras. O colosso derribado e as inscrições que provavam a sabedoria dos meus soberanos, foram os únicos testemunhos que se mantiveram na Tebaida. E então os anacoretas oraram a Deus sôbre as cinzas da maior, da mais sábia e da mais devassa cidade erguida pela loucura humana."

Babilónia ergueu a voz para dizer:

hebreu. Fui o braco de Jehovah, e a minha fama perdurará na memória dos povos enquanto o mundo fôr mundo. O rio

"Fui eu quem destruiu Ierusalem e submeteu à escravidão o povo Eufrates cantará eternamente as minhas



grandezas. Ciro conseguiu vencer-me, e Trajano contemplou

as minhas ruínas. Cumprira-se o anátema de Jeremias: "Virá do Aquilão um povo contra a Babilónia e a converterá num deserto, não voltando êste império a ser habitado por qualquer sêr hu-

amarelo... Ah! paguei bem caro o sacrilégio de ter posto as minhas mãos iconoclastas no templo de Salomão!.... Falou então Ninive: "Pobre de mim, desventurada Ninive!...

O meu nome sonoro citado tantas vezes nas Sagradas Escrituras foi substituído pelo de Nusul... Tempos idos, gloriosos tempos! Fui um assombroso empório de riqueza, de arte e de prazeres... Hoje não passo de um pobrissimo refúgio de caravanas... De mim ficou apenas uma infamante memória. Rival da Babilónia, vencia-a pelas armas, e suplantei-a em vícios.

Ante mim estende-se agora o deserto

"Sôbre os meus escombros foram edi-

ficadas várias cidades... Mas onde foram

parar as cem portas de bronze das mi-

templo de Belo?

Magno?

nhas muralhas e as imensas riquezas do

"Como desapareceram os meus famo-

"Como pôde ser arrasado o portentoso

"O que resta hoje do meu assombroso

sos jardins suspensos que constituiram a

mais assombrosa maravilha daquela civi-

palácio de Nabucodonosor sôbre cuias

ruínas caíu morto o grandre Alexandre

poderio? Uma aldeia mísera a que cha-

mam Hillah, lagoas infectas e lodaçais

pestiferos substituiram os meus vergeis.

"Em vão o profeta Jonas, vindo até mim no ventre da baleia, me quis afastar da loucura dos meus prazeres...

"Oh! se os homens dêsse tempo pudessem voltar ao mundo e contassem o tando com a beleza da sua nudez a glória do monarca... Diriam como os artistas de todo o orbe acorriam ali a oferecer

"Contariam como eram procurados os vinhos deliciosos, os frutos perfumados e os peixes mais raros nos mais remotos confins para aqueles banquetes intermináveis em que os dias e as noites surpreendiam os comensais embriagados... Como se extinguiu tudo isso!... Um dia, os caldeus e os medos caíram sôbre a cidade descuidada e arrasaram-na. Sardanapalo, cercado no seu palácio, lançou--lhe fogo, e assim morreu sem interromper a sua orgia, rodeado pelas suas mulheres, pelas suas escravas, pelas suas

em holocausto a sua inspiração...

filha da cananeia, e com sete paes e dois peixes deu de comer à multidão que o seguia. "Vimos e não compreendemos! "Um dia, chegou Alexandre" Magno,

e, de tôdas as nossas gran-

dezas, não ficou pedra sô-

"Eis aqui os arcos soberbos do meu

vasto anfiteatro, os meus derruïdos palá-

cios transformados em covas



"E hoje? Vede esta mísera povoação chamada Lataquié, levantada com as pedras encontradas nos meus escombros.

"Aqui acampam algumas caravanas como se fôsse num oásis, Mas, apenas repousam sem ter admirado o plácido espectáculo da minha campina verde, fogem desta solidão em que parece pesar uma maldição eterna!

Finalmente, ergueu-se a voz da Antió-

"De que te queixas, Laodiceia?... Eu, sim, que tive um nome glorioso e sonoro. Chamei-me Teopolis que significa Cidade de Deus, Eu, sim, que escutei as palayras ardorosas que propagavam a fé cristă, depois de ter sido a rival afortunada de Roma e de Alexandria.

"No meu seio prègaram S. Paulo e S. Barnabé, e poucas como eu conheceram o génio ardente de S. Jerónimo. Na celebração de dois concílios, vieram até mim os mais sábios varões da Cristandade. Para os discípulos de Jesus era eu a filha predilecta de Sião, e para os imperadores romanos a rainha do Oriente.

"Agora restam apenas escombros. As guerras, os terramotos sucederam-se com fúria cruel... As minhas ruínas, empapadas de sangue, parecem repercutir ainda o eco dos alaridos da Dor e o estertor da Morte....



bre pedra!"

Laodiceia disse

dançarinas, pelos seus músicos, pelas suas obras de arte e pelos seus tesouros... E eis-me reduzida a um montão de cinzas para lição da Humanidade."

Tiro e Sidónia falaram assim: "Pobres loucas que fômos! Cheias de soberba, tivemos junto de nós a Fé e a Vida eterna e não as conhecemos! O Rabi passou em pobríssima caravana. la prègando a boa nova seguido por alguns discipulos.

"- "É o filho do Deus dos hebreus!" - gritava a multidão que corria para o ver e ouvir.

"Oh! quem o tivesse conhecido verdadeiramente! Não vestia púrpura, nem levava no cinto espada com punho de oiro. Apenas a poeira dos caminhos lhe cobria a túnica... E nós - loucas que fômos! faziamos das ideias da divindade e do esplendor o mesmo conceito!... Pois se éramos as ousadas navegadoras que nos atrevemos a sair do Mediterrâneo, se nos orgulhavamos de ser as fundadoras de Cartago e Gades como poderiamos acreditar na divindade da pobreza? "Foi junto de nós que Jesus curou a





que eu fui, maior seria o vosso espanto diante do que hoje sou!... Diriam como era o palácio de Sardanapalo, e como se iuntavam ali as mais belas mulheres da Ásia, da África e até da Europa, aumen-

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No São Luiz CINE

A favor da benemérita instituição Oficinas de S. José, realiza-se na tarde do dia 4 do corrente, no São Luiz Cine, uma interessante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, cujo programa será composto de uma parte de cinema em que se fará reprise de uma sensacional película, e outra de variedades, sendo esta última formada pela representação em «travesti», a peça em um acto «A ceia das sogras», desempenhada por D. Lopo de Braganca (Lafões), Gui Vale Flor de Brito Chaves e Carlos Espírito Santo de Melo.

Pelo extraordinário interêsse que esta festa está despertando é de prever que o São Luiz Cine, seja nessa tarde elegantemente concorrido.

No Paris

Com um fim verdadeiramente altruista, reali-za-se na tarde do dia 4 do corrente, no cinema Paris, à rua Domingos Sequeira, uma festa de caridade, que constará de um sensacional programa de cinema. sendo a comissão organizadora formada pelas seguintes senhoras da nossa primeira sociedade D. Alice Bettencourt Teotónio Pereira, D. Branca Machado de Carvalho Figueira, D. Ilda Nunes Coelho Pery da Linde, D. Margarida Seabra de Oliveira, D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Serodio (Sabrosa), D. Maria Amélia Teixeira Bastos, D. Maria Antónia de Sá Nogueira, D. Maria Júlia Pellen de Campos de Andrade, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrêlo, D. Maria da Piedade Lobato de Melo, D. Maria Tereza Perestrêlo d'Orey, e D. Maria Tereza Valente Salema Garção. grama de cinema, sendo a comissão organiza-Iema Garção.

Pelo grande número de bilhetes passados è de perver que a tarde de quarta-feira 4 do cor-rente, no Cinema Paris, seja elegantemente

concorrida.

No CLUB TAUROMAQUICO

Com uma enorme e selecta concorrência, efectuou-se na tarde de 19 de Dezembro, último, nos belos salões do Club Tauromáquico, à rua Ivens, gentilmente cedidos pela direcção dessa aristocrática agremiação, um «chá Mah Jong» de caridade, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte as seguintes D. Alice de Sousa Melo, D. Ali Maury de Melo, D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Clarisse Lomelino Guimarães, D. Cladonça, D. Ciarisse Lomeino Odimariaes, D. Ciarisse Ramos, Condessa de Murça, D. Francisca da Camara Pinto Basto. D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Maria Aguiar de Andrade Roque de Pinho, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, D. Maria Izabel Brazão de Sommer, D. Maria Isa-bel d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques. D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Maria José de Cunha Almada, D. Maria da Luz da Camara d'Orey, D. Maria Marim Guedes, D. Mercês de Bianchi Plantier, D. Octávia Stromp Martins Pereira, Viscondessa de Almeida Garrett, e Vis-condessa de Atonguia, enjo produto se distinava Pereira, Viscondessa de Almeida Garrett, e Viscondessa de Atouguia, cujo produto se distinava a favor da benemérita instituição Casa de Protecção e Amparo de Santo António.

Além de partidas de «Mah-jong», houve também mesas de «Bridge» e de «Bluff», tendo-se por ocasião do «chá», sido feita a rifa de vários objectos oferecidos pela comissão organizadora.

O aspecto dos vastos salões do Clube Tauroménico nessa frade era verdadeiramente era

máquico, nessa farde era verdadeiramente cantador, vendo-se ali reunido tudo que melhor conta a nossa primeira sociedade, vendo-se também grande número de senhoras da colónia espanhola que actualmente residem no nosso país.

A comissão organizadora decerto deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeira, como mundana.

No CONDES

Na tarde de sábado 17, realizou-se no Cinema Condes, uma festa de caridade promovida por uma comissão de senhoras da colónia espanhola e da nossa primeira sociedade, cujo prodúto se destinava a beneficios de «Frentes y hospitales» soh a presidencia da esposa do ilustre Embai-xador de Espanha, em Portugal, e da qual fa-ziam parte D. Carmen Burnay de Vilhena, de-legada de «Frentes y hospitales», Duquesa de Maura, Marquesa de Mirafares, Marquesa de Marquesa de Mitalares, Marquesa de Claramunt, Marquesa de Faial, Condessa de Jime-nez y Molina, Viscondessa de Sacavem, D. Ro-sária de Ranero, D. Mercedes de Ocamp, D. Eulália Salles de Sande e Castro, e D. Clara Lauret, a qual constou de um interessante sarau de arte, cujo programa abriu por um documentário espanhol, intitulado «10 minutos em Espa-nha», seguindo-se uma fita com apontamentos da Guerra de Espanha. Seguiu-se um magnifico concerto de piano, pelo notavel pianista espanhol José Cubilas, que exectuou várias obras dos mais cotados compositores espanhois, termi-nando por um «fado» de Rey Colaço, fechando o programa um brilhante discurso por D. José Maria Peman, que mais uma vez electrizou a selecta assistència, que enchia por completo a vasta sala do Cinema Condes, com a encanta-dora forma e bem timbrada voz.

Na asistência que, como dissemos enchia por completo o vasto salão recorda-nos de ter visto entre outras as seguintes senhoras:

entre outras as seguintes senhoras:

Senhora de D. Nicolau Franco, Baronesa de Hoyningen-Huene, Duquesa de Medina-Sidónia, Marquesa de Mira Flores, Marquesa de Faial, Marquesa de Claramunt, Marquesa de Tancos, Condessa de Ilmenes y Molina, Condessa de Proença-a-Velha, Condessa de Tabocira, Condessa de São Tiago, Condessa de Arge, Condessa de Monte Real, Condessa da Povo, Condessa de Torre, Condessa de Castro Marim, Condessa de Fornos de Algodres, Condessa de Vale de Reis, Condessa de Pinhel, Viscondessa de Sancayém, Viscondessa de Almeida Oarrett, D. Rosaário de Ranero, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Leonor Pinto Lette de Melo Breyner, D. Maria de Oliveira Reis, D. Carmen Burnay de Vilhena, D. Endifa Sel·lés de Sande e Castro, D. Mercedes de Ocamp, D. Carmen Morales de Los Rios de Castro, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich e filha, D. Maria Pery de Linde Peixoto e Cunha, D. Luísa Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Elisa Baplista de Sonsa (Carnaxide), D. Angela Carvajai Teles da Silva, D. Maria Pellen de Campos de Andrade e filha, D. Natália Munós y Puig, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria do Carmo da Camara de Noronha Husum, D. Maria Adelaide

Castro Pereira Balsemão, D. Maria de Meira e filha, D. Ana Maria de Barros da Costa Morais, D. Sofia Baerlein de Castel-Branco, D. Luisa de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Maria Amélia Saturio Piero de Sequeira Braga, D. Maria de Lourdes Amaral Lelião, D. Maltide de Castro Eça de Queirós e filha, D. Maria Natália Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Arcelia Valente Moreira (Taboeral), Senhora de Baldasano, D. Emília de Gouri, senhora de Cateles, D. Júlia Saro, D. Clotolde Sobreira, D. Joana de Junqueira, D. Maria Antónia e D. Maria Claudia Ramada Curto, D. Catarina Rocha Pinto, D. Isabel Maria de Melo Breyner (Mafray, D. Maria José de Castelo Branco, D. Maria Teresa e D. Maria de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Maria Domingas e D. Maria Teesa da Gama Berqué, D. Eugénia Valente Moreira Teles da Silva (Tarouca), D. Fielena Varela Cid, D. Maria Gunuca, D. Maria Boteho Letião, D. Maria Teresa Burnay de Verda (Mairos), D. Susana Andres da Costa, D. Luisa e Verda (Mairos), D. Susana Andres da Costa, D. Luisa e D. Maria Vicente Reimes, D. Monserrat Coronas, D. Maria Oliveira Cedas, etc, etc.

Casamentos

Na paroquial de Santa Isabel, celebrou-se o Na paroquial de Santa Isabel, celebrou-se o casamento da sr. D. Izilda Caciolinda Pires Justino, gentil filha da sr. D. Isaura Pires Justino e do sr. José Justino, já falecido, com o sr. Carlos Henriques Couceiro Feio, inspector de produção da Companhia Portugal Previdente, filho da sr. D. Laurinda Martins Couceiro Feio e do sr. Mário Couceiro Feio. Serviram de madrinhas, a mãi e a tia do noivo sr. a D. Clarisse Martins Couceiro Feio, e de padrinhos o pai e o tio da noiva sr. Gilberto Couceiro Feio. Presidiu ao acto o capelão da sr. Condessa da sidiu ao acto o capelão da sr.ª Condessa da Foz, reverendo António Patoleia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na ele-

gante residência da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Celebrou-se na paroquial dos Martires, presidido pelo prior da freguesia, reverendo Có-nego António Joaquim Alberto, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.* D. Maria de Lourdes Aldim Cardoso de Mendonça, gentil filha da sr.ª D. Irene Aldim Cardoso de Mendonça e do nosso querido amigo sr. Henrique Cardoso de Mendonça, com o distinto engenheiro silvicultor sr. Luís de Seabra, filho da sr. D. Maria Augusta dos Santos Viegas de Seabra e do ilustre professor da Universidade de Coimbra, sr. dr. Antero Frederico de Seabra. Foram madrinhas a tia paterna da noiva sr.ª D. Maria Alice Cardoso de Mendonça Santos, e a mãi do noivo, e de padrinho o tio paterno da noiva sr. visconde de Silvares e o pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, á rua dos Industriais, um finíssimo lanche, da pastelaria «Marques», partindo os noivos aquém fóram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o norte, onde fôram passar a lua de mel, seguindo depois para a sua casa em Alcobaça onde fixam residência.

D. Nuno.



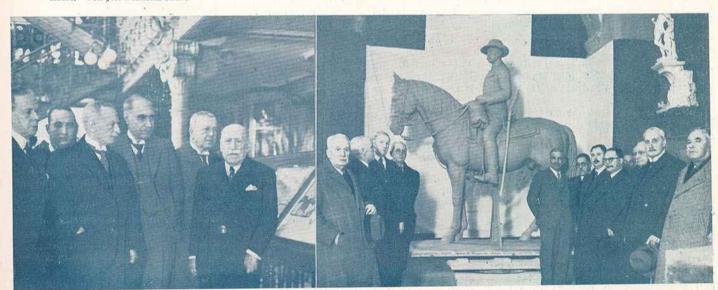
Casamento da sr.º D. Izilda Caciolinda Pires Martins, com o sr. Carlos Henriques Conceiro Feio, celebrado na paroquial de Santa Isabel. Os noivos e convidados.— (Fot. Serra Ribeiro).

O monumento aos soldados portugueses mortos na Guerra, em Boulogue-sur-Mer, inaugurado há dias com grande solenidade, — Foto José d'Almeida Santos

FIGURAS E FACTOS



Um aspecto da homenagem a Afonso de Albuquerque na Sociedade de Geografia, onde os srs. Cirilo Damião e Nuno Cunha Gonçalves proferiram discursos evocativos sobre o glorioso conquistador das Indias



O sr. Presidente da República visitando a exposição de trabalhos de alunos das escolas das Colónias e do Brasil, na Sociedade de Geografia. — A' direita: Os srs. Ministros das Colónias e da Educação Nacional com outras individualidades, visitando a estátua de Mousinho de Albuquerque, trabalho do escultor Simões de Almeida



Angelo Pereira, o infatigável investigador, acaba de publicar mais um trabalho söbre a Estátua eqüestre de D. José, que um padre jesuita do tempo de Pombal escreveu, e o autor das Senhoras Infantas Filhas de Dom João VI prefaciou e anotou criteriosamente, como sempre



O Vinho de Colares é delicioso, mas passa a saber melhor ainda após a leitura do magnifico trabalho que Raul Esteves dos Santos acaba de publicar, historiando e documentando primorosamente as origens e expansão do precioso nectar que tem hoje fama verdadeiramente mundial



Silva Tavares — o poeta queriddo das multidões — publicou um novo livroo de quadras
encantadoras que intitulou Vá. de Roda. Tecer elogios aos versos de Silva Tavares?
Para qué, se o povo é que os cconsagrou decorando-os e cantando-os? Bastdară dizer que
apareceu mais um livro de Silva Tavares
para se calcular logo que novoss e belos versos brotaram do manancial ineexaurível daquela irrequieta inspiração, maarcando um
novo acontecimento liteerário



Júlio Silva, o pintor de talento que há muito admiramos realizou uma Exposição de Pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes, que causou sensação. O ilustre artista viu compensado o seu esforço pelos gerais aplausos de que foi alvo



Pilgina de homenogem do jornal brasileiro O Besouto a Eça de Queiroz, em 4 de Maio de 1878

ÇA nasceu pobre, viveu pobre, e morreu pobre... E, como o seu → País, em contínuo déficit!

As Cartas de Eça de Queiroz a Ramatho Ortigão, publicadas há pouco no Dom Casmurro, puseram, cruamente, em evidência vários transes aflitivos do seu orcamento, e deram mesmo lugar a maledicente crítica dos meios empregados pelo grande escritor para corrigir o seu deseguilíbrio.

Não há, pois, nenhum melindre em tratar êste interessante assunto, como uma contribuïção vantajosa para a sua biografia.

Aproveitar-nos-emos de cartas insertas no Dom Casmurro e na Correspondência.

Em carta de 1870 ou 1871 (após a publicação d'O Mistério da Estrada de Sintra):

"As circunstâncias obrigam-me a incomodá-lo, e mesmo a «tiroteá-lo» um noutco

"Peco-lhe, se isso não lhe causa dúvida, que dêsse tesouro, que nos alcancou a honradez do Pereira, Você tire 6.000 rs., que fará chegar às mãos do Catarro, meu alfaiate, Rua do Ouro, 100, 1.º andar.

"Se Você tem a ridícula originalidade de não ter, como tem todo o mundo em



Ante as constantes aflições financeiras do grande romancista, esta consagração em popel-

geral e o nosso grupo em particular uma conta eriarde no Catarro, então não hesito em lhe pedir que Você mesmo deposite os 6.000 rs. nas mãos inhábeis do Catarro, tecendo-lhe ao mesmo tempo, em dourada língua, os louvores do meu espírito e da minha elegância. Da minha elegância, repito.

Se porém lhe fôr vedada como a tantos amigos nossos, helas! a aproximação do Catarro, então peço-lhe que me avise, para eu providenciar de modo diferente.

«Ora tudo isto não obsta a que me seja indispensável (quando eu aí chegar, se Deus quiser) encontrar, no bolso do Pereira, o melhor de 18.000 rs. Percebe o tiro?

«Conto consigo. Que os seus negócios não embaracem esta missão. E responda-me logo, 4 palavras que sejam, ou dando conta do cumprimento dela, ou escusando-se...

E, logo a seguir:

"Tenho uma ideia; dá dinheiro: responda-me sôbre o que lhe peço, e eu depois lha comunicarei, para desde logo se entabularem negociações. Agora não tenho tempo».

Conjecturo que esta carta, não datada, haja sido escrita em Leiria, e que a ideia que dava dinheiro - fôssem As Farpas, que começaram a publicar-se em Maio de 1871.

Em carta não datada, mas que, pelo seu conteúdo, se vê que é escrita do Porto, em Junho dêsse ano, estando Eça hospedado na casa do seu amigo D. Luiz, Conde de Rezende, diz a Ramalho:

"Remeto êsse original. Tenho ainda aqui, graças a Deus!: mais um artigo sôbre o Exército, outro sôbre a Reaccão, outro sobre o Incidente de insultos no Parlamento, outro, grande, à maneira do da Nação - sôbre As Colónias e a Marinha, a propósito de Macau. Tenho de os copiar, e, querendo Deus, estará aí de posse dêles pelo fim da semana. Tenho outros em via de preparação - peque-

"...Eu continuo a passar vida de doente: regimen, ferro, passeios, etc. A minha única agitação tem sido escrever para As Farpas. Tenho-o feito à petites plumées, com o vagar dum coleccionador e o pouco espírito dum anémico. Felizmente, graças a Deus, creio que estou melhor. Mas quando aqui cheguei querido Ramalho - A cousa não estava

lisonjetra! Peste! "Não sei quando partirei - mas espero que brevemente.

Os artigos a que Eça se refere foram publicados no n.º d'As Farpas de Julho de 1871.

Antes, escrevia a Ramalho:

"Não sei se Você tem af algum dinheiro farpal: se tem, peço que me mande algum, pouco, o bastante para um bilhete de caminho de ferro.

As finanças de Eça de Queiroz

à vista das cartas do grande

e nada mais, porque o Luiz está duma pobreza que me dá vontade de lhe meter 100 rs. na mão, às escondidas - se eu os tivesse!..

E em outra carta:

"Tencionava partir além de amanhã para aí - mas mudei de resolução, em vista destas considerações:

"Os médicos prescrevem-me impreterivelmente, urgentemente, o uso dos banhos de mar.

"Para os nervos, para a anemia, e para a vista. Ora eu não quero tomar banhos nas praias de Lisboa que são, ou de lôdo, ou de soirée dançante - cousas igualmente detestáveis

"Tenho, pois, de tomar banhos, ou aqui na Foz, ou em Espinho. Por consequência, se fôsse a Lisboa, tinha de voltar em Setembro, querendo Deus: só em viagens gastava 4 ou 5 libras - o que é anti-económico. Resolvi, pois, ficar, e ir já para a Foz.

"Mas, para regular a minha vida e basear cálculos, preciso que Você me diga -se tem algum dinheiro meu, aí, das nossas Farpas.

"Francisco entregou-me aqui 13.000 rs.; faça, pois, as suas contas, e diga-me se posso contar com algum dinheiro que af tenha. Sem esta base não posso fazer cálculos à minha embrulhada vida, Depois, ou resolverei ficar - ou partir para ai, melancòlicamente, a cultivar a deusa dos

"Resposta rápida. No caso de eu ficar. trataremos de equilibrar o nosso trabalho sôbre Farpas."

Que Eça foi para a Foz, vê-se pelo número de Outubro das Farpas, em que trata da prisão que ali se fez de vinte pescadores - com sua indignação...

Escreve ainda ao seu querido compa-

"Devia ter al encontrado uma carta minha. Não se esqueça que eu espero sua resposta. Eu preguntava-lhe nela se teria aí 3 ou 4 libras para dar a Catarro. Porque Você, na indicação que me mandou ácerca das nossas contas, esqueceu-lhe dizer se havia algum dinheiro af - disse--me só os recursos que en poderia ter aqui. Ora é secante mandar daqui dinheiro ao Catarro, sendo mais fácil mandar-lho entregar ai - voilà la chose. Eu preciso urgentemente desta resposta porque preciso urgentemente de fato Esta consideração deve comovê-lo. Responda, pois, brevemente.

Passaria um ano. Eça voltaria de novo a banhos na Foz... O último número d'As Farpas em que colabora é de Outubro de 1872. Em Novembro parte para a Havana. Nas cartas que dirigiu a Ramalho, e que foram publicadas, nada se

romancista Ramalho Ortigão

diz de dinheiro, até à carta de Newcastle, a 17 de Majo de 1876, que se refere ao projecto de venda a Ernesto Chardron da 1,ª edição d'O Crime do Padre

Outra referência a 3 de Novembro de 1877:

"Fu só sei notícias da pátria, através da Actualidade - uma folha do Norte, onde eu vomito resíduos duma prosa torne, a tanto por coluna; divertimento que vou cessar - porque ainda não vi a côr do dinheiro do Anselmo Morais Plebe.

Trata-se das Cartas de Londres, que a família de Eça de Queiroz não permitiu, até agora, se reunissem em volume, e que contém, todavia, algumas das mais belas páginas do grande escritor: foram publicadas desde 14 de Abril de 1877 a 21 de Majo de 1878.

Na carta de 17 de Janeiro de 1878 é que expõe a Ramalho a sua grande crise financeira:

"Eu, como todo o mundo, tenho um orçamento; o meu é assim: - dum lado os meus rendimentos, do outro as minhas dívidas. As minhas dívidas - que eu quero pagar êste ano - são êste ano a minha (grande?) despeza. Os meus vencimentos e recursos são: os meus ordenados, 37 libras mensais; mais de 10 a 15 libras mensais; a minha correspondência da Actualidade (que se tornou num rendimento, desde que o Anselmo se resolveu a pagar em dia) 7 libras mensais: o meu contrato com o Chardron para a novelasinha mensal - 22 libras mensais. Soma, 80 libras mensais. As minhas dividas são um pouco mais de metade desta soma (na totalidade do ano).

"Parece, pois, que a minha situação é simples: é só não gastar os meus rendimentos - e pagar a minha divida. Pois bem, a minha situação é desgraçada. E aqui está porquê: para eu pagar o que devo, é necessário fazer economias: para fazer economias é necessário abandonar a minha casa em Newcastle, sair da cidade, onde a vida é terrivelmente, estùpidamente cara, e ir para um apartamento no campo, viver bem por quási nada. Mas, para sair de Newcastle, é necessário pagar as minhas dívidas aqui, as dívidas especiais de Newcastle - de que a minha casa e a minha presença são a garantia: e, para isso, seria necessário que eu tivesse de contado de 800 a um conto de reis. É claro isto.

"Ora é justamente esta soma que eu não tenho - nem amigo aqui a quem pedir: aqui só tenho conhecimentos ou amigos pobres. É inutil dizer que não quero ir ao mercado da agiotagem pagar dinheiro a 40 ou 60 por cento.

"Portanto o que me convém é um homem compassivo, que me empreste essa soma a um juro de 6 ou 7º/6-

dinheiro pagável a prestações durante um ano, fiado na minha honestidade, e, para o caso em que eu reentre na natureza mãe - um segurozinho de vida. Conhece Você êsse homem compassivo?

"Salvava-me - duma situação que me arruina, me enterra cada dia mais, me preocupa a ponto de me tornar estúpido ...

"As dividas serviram a Balzac para aprofundar o mundo bancário agiota. notário e forense; mas eu nem tenho essa consolação, que as minhas dívidas me tragam a revelação de tipos essenciais: elas só servem para me envelhecer e me bestificar. Se houvesse aí um homem que quisesse salvar a tranquilidade dum homem de bem e a paz dum artista, êsse homem faria uma boa acção ganhando 6 ou 7 por cento.

"Eu já assim levantei dinheiro em Lisboa: mas ainda não acabei de o pagar - (porque ainda se não venceram os prazos) - e portanto não posso ir à mesma fonte (que aliás não me convém, porque, não tendo muito numerário disponivel deixa cair o que empresta gota a gota). É verdade que o juro é baixo: - mas o que me convém é a soma tôda, já.

"Você conhece tanta gente - e que me conhece - poderia talvez descobrir o que aqui se chama o homem necessário. Não acrescento mais, porque sei que fará tudo o que puder, e mais."

Pobre Eça de Queiroz! Não deve ter aparecido o homem necessário, porque se lê em carta de 4 de Marco:

"Enquanto ao que Você diz de falar ao Corvo (Andrade Corvo, ministro dos Estrangeiros, que nomeara Eça para Havana e o transferira para Newcastle) desejo que o faça - se Você está em íntimas relações com êle. Mas não é pedir-lhe que me adiante ordenados - porque o Ministério, nada tem com os meus ordenados. É lembrar-lhe a promessa que êle me fez - de que, em vista dos meus pequenos ordenados, me daria uma ajuda de custo, ou por uma vez, ou mensalmente, até que uma lei me estabelecesse os vencimentos que pertencem à categoria do Consulado, e que são necessários para fazer face à carestia da vida inglesa. Esta ajuda de custo é uma dádiva particular do Ministério, muito justa neste caso, e que êle me prometeu. Se êle me quisesse mandar abonar uns 600,000 rs., seria excelente. Se Você está em boas relações com êle, vá lá, dizendo que eu lhe escrevi, a Você, para não o importunar escrevendo-lhe, porque lhe reconheço as ocupações; que estou pobre, que mereço auxílio como consul e como artista - e que lhe pedia o cumprimento da promessa feita. Compreende bem? Espero resposta breve.,,

Nada de positivo deve ter resultado da intervenção de Ramalho... Pois, a 8 de Abril, Eca voltava:

"As dívidas serviram, diz-se, a excitar o génio de Dickens e de Balzac: não encontrando em mim um génio a excitar, vingam-se da humildade do seu papel, torturando-me. Os meus rendimentos são superiores às minhas dívidas - mas êles dependem do meu trabalho que é demorado, e dos regulamentos



Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz em 1875

oficiais que são imutáveis - e as minhas dívidas acumulam-se tôdas a um tempo, como sete espadas contra um coração. Para me desembaracar do presente, tenho perpetuamente de descontar o futuro e isto traz-me tôda a sorte de amofinacões. Não sei, às vezes, como me resta coragem para entender os desgostos dos meus personagens, quando tenho de os observar através da espessura dos meus».

A situação financeira de Eca de Queiroz. confrange.

O sucesso que acaba de obter com a publicação do Primo Bazilio, que entra imediatamente em 2.ª edição - com ser grande - nem por isso o indemniza da verba que já inscrevera no seu orcamento de 20 libras por cada novela, a 12 novelas num ano.

Só em Maio enviará algum original da primeira - A Capital! - e essa mesma não a virá a concluir, possesso agora da ânsia de perfeição, cheio de pavor de se desconceituar por produtos de fancaria.

Condenado às galés do realismo, escreve incessantemente - "mas numa prosa forcada, arrancada das névoas da reminiscência, construída como um mosaico, em que a observação é hipotética e a lógica conjectural, como êle próprio diz...

E eis que surge ao seu cansado espírito, ao seu espírito torturado, num admirável vôo dessa maravilhosa imaginação que é o fundo da sua constituição intelectual, do seu temperamento artístico, A Batalha do Caia!

Nem necessidades de documentação, nem fórmulas de escola, nem convencionalismos de maneira o embaracam para erguer todo o cenário da invasão, todo o horror das violências, tôda a trágica decepção dum povo sem govêrno, dum exército sem organisação, de falsas élites sem educação, sem fé e sem coragem; e os grandes quadros avultam, os detalhes gravam-se a fogo, os pormenores coriscam sôbre a sombria tela da subversão, da ignomínia, do luto, do de-

Nenhuma dúvida de que esta obra a escreveu de um jacto, no quási delírio concepcional que é, que foi sempre, do

seu génio de improvisador.

E Mefistófeles só esperou que êle lancasse, no último caderno da sua obra, a última linha, para o saüdar com a sua gargalhada comentativa: - Ora aí está como um Consul... Eça debate-se... Mas em vão!

E nesta hora, Mefistófeles é cruel: o extraordinário sucesso d'A Batalha do Caia asseguraria ao escritor o pagamento de tôdas as suas dívidas, libertá lo-ia de de todos os horrores asfíxicos de funcionário mal pago, a quem o ministro esquece, não honrando sequer a promessa dum justo subsídio.

É, sob esta pressão angustiosa de letras a protestar, e de compromissos inadiáveis com o estofador, com o alfaiate, com o mercieiro, que Eça vai escrever

a Ramalho.

E todo o seu corpo frissonait da gargalhada mefistofélica, quando acabada a carta explicativa a Andrade Côrvo, co-

"Meu querido Ramalho..... essa epístola para o Corvo, e leia. Eu, no entanto, acendo um cigarro... - Leu?

'Que lhe parece? Explicar-lhe-ei, primeiro, porque concebi o livro; depois, porque escrevi ao Corvo".

E explica a assombrosa visão d'A Batalha...

E, num sans façon de conversa, de conversa queiróziana, em que sempre passa o comediante mimado do Teatro Académico:

"Além do escândalo, quero dinheiro. Se o Primo Bazilio se vendeu - porque se não ha-de vender a Batalha do Caia? "Portanto — se o livro se vende porque não hei-de fazer especulação e tratar de pagar as minhas dívidas?,... "Agora, para que escrevi ao Corvo: é que a coisa é séria; eu sou um empregado do govêrno - e um tal livro é grave...,

E conta que leu todo o "esbôço" ao Vaz, adido da legação em Londres, e que, ao terminar, no "plano-argumento", a leitura do capítulo da fuga do "Rei e da anarquia em Lisboa, "o rapaz se ergueu pálido: Oh amigo! Oh amigo! Et il avait des larmes dans la voix..., E "despedia--se de mim, dizendo, em tom lúgubre: -Queime isso! Queime isso!"

Daqui resulta:

"Não quero, portanto, que o Corvo me possa dizer depois: V. não tinha direito a publicar semelhante livro.

"Mas há outra razão para eu escrever ao Corvo — é que êste trabalho repre-senta para mim capital: e, se ao ministério regenerado não convém que se diga de antemão o que ha-de acontecer em breve, e me força a inutilizar um capital, deve indemnizar-me. Isto é claro como o bom Bordeaux. Não lhe parece? Talvez você não ache estrictamente moral; responderei com Darwin: - "na luta da vida, ser fraco é quási ser culpado».

Depois desta ligeira confusão das ins-

pirações do cientista Darwin com as do filósofo Satan, prossegue:

"Agora direi para que lhe mandei a carta ao Corvo: para que você a leia, e decida, compenetrando-se da amizade que nos une há tantos anos, o que tem de melhor a fazer para me levar êste caso a bom

caminho - isto é, torná-lo o mais rendoso possível para bebé (bebé c'est moi).

"Se Você pensa que não deve aparecer neste episódio, passe o lábio pela cola do sobrescrito, assente-o com a palma da mão, e meta-o numa carta, dizendo: - "O Queiroz pede-me para lhe remeter esta carta».

"Se Você entende que deve, num assunto — que é de política de Arte, e de interêsse para mim, ir falar-lhe, põe o chapéu, et vai chez lui. O homem lê, diante de Você, a pedido seu.

"E, então, uma de três:

"Ou diz, rindo: - Que diabo, diga ao Rapaz que pode publicar; é inteiramente inofensivo! — Nesse caso, Você aperta-lhe a mão, e exclama: - "Essa palavra, Ex.mo Sr., é dum grande estadista!, E sai pela

porta do fundo.

"Ou o Corvo hesita, faz beiço, coça a cabeça, e mostra-se, como dizia um amigo meu, exquisito enquanto a resolução: Você então toma o seu tom mais filosófico, e diz: - "O Queiroz está absurdo: publicar um tal livro é fazer um escândalo internacional; é revelar a nossa fraqueza, a nossa desorganização; é despertar o ódio vago do país contra alguém que lhe criou uma situação donde pode sair uma tal catástrofe. Esse alguém, que êle procura para odiar, aparecer-lhe-à sob a forma original de quem tem neste momento o Poder - Rei e Regeneradores..., etc., etc. Portanto, o melhor é dizer ao homem que queime o livro: mas, como o livro representa um capital, é necessário que o moço não perca tudo. Mande-lhe V. S.ª abonar uma certa quantia (carregue na quantia: de conto e quinhentos a dois contos).

"Suponhamos, porém, que êle diz:-Não! Nunca! Proïbo o que publique semelhante cousa! - Você então toma um ar à Robespierre, e diz secamente:

- Perfeitamente: é como obrariam os Cabrais: eu vou daqui fazer um escândalo nacional. É o fim da liberdade de imprensa, de opinião, e de consciência. É o descalabro, etc. (Você conhece a tirada). Ao menos - acrescente Você - é da mais estricta justiça que - já que lhe proïbem que publique os seus livrosse considere que êsses livros representam trabalho, e que se lhe pague, portanto, êsse trabalho! Etc. (Vous savez qu'il y a une autre tirade sur cela) ".

Maquiavelesco, não é?

E dir-se-à: — afinal tanto talento diplomático para arrancar ao Ministro um simples abono gracioso de consulado, que tantos alcançariam sem o mais leve incómodo de projectar ou escrever livros, nem de inventar argumentações...

E o pobre Eça, que queria tanto pagar as suas dívidas, mas que queria também

tanto à sua nova obra!

Ah! se êle não fôra Consul...

Oiçâmo-lo:

'Agora, diz Você:

-Mas, no fim, o que quere o menino

que a coisa se publique, ou se não publique: venha sa pensée intime.

"Ma pensée intime é êste: que o livro (sendo útil como um meio de mostrar ao país as consequências de prolongar uma tão horrorosa condição de abaixamento) - é, por um lado, inoportuno, por outro um ataque, de fôlha em fôlha, à vizinha Espanha: e serve, portanto, apenas para criar irritação. Por isso era talvez melhor que se não publicasse. Por outro lado - perder tais episódios literários! Oh menino!"

E descreve!

Depois, como se ainda houvesse receio de não ter sido bem explícito, resume o recado: - "O que resta é isto, e aí vai ma pensée intime - é que a ideia publicada ou inédita é um capital; êsse capital tenho direito a êle: que me venha do Chardron (ou do público, melhor) pela publicação, ou que me venha do govêrno

pela proïbição — é-me indiferente.

"E Você está, por esta, encarregado de

fazer produzir capital à ideia,...

"O que eu não quero é que a ideia

fique improdutiva».

E, pondo os seus respeitos "aos pés de madame Ortigão,, mandando "um abraço ao bravo Jeco», e pedindo que beije por êle as mãos de suas filhas, sela a carta com um "abraço formidável, ao seu querido amigo.

Mas Mefistófeles ricana! Eça, desconfiado, rompe o envelope, relê a carta,

e acrescenta:

"P. S. importante: È indispensável que o Corvo, nem por sombras, suponha que o que se quere é extrair-lhe uma quantia porque realmente não é, e a prova é isto:

"Do Primo Bazílio venderam-se 3.000 exemplares, que eu saiba; mas isto não quere dizer nada: o que diz mais é que o Chardron manda da Capital só para o Brasil 3.000 ex. Da Batalha do Caia podem, sem receio, tirar-se 9 a 10.000 ex. Vendidos a 500 rs., já Você vê que é uma especulação.

"Portanto, ao Corvo fala-se só em consentir ou não consentir: se êle não consente, exclama-se: - Como!? Mas eu vim aqui, supondo que Você não podia de modo nenhum impedir, etc. O meu pedido era apenas uma formalidade: Veja que dinheirão o moço perde! É uma infâmia, etc.

"E sôbre tudo isto, sigilo!"

Ao receber esta missiva do seu companheiro d'As Farpas, Ramalho brame! E, recusando-se a intervir neste negócio, apelida a tentativa do martirizado Eçade chantage!

Ao publicar-se agora, sessenta anos depois, no Dom Casmurro, a carta de que fizemos tão largos extractos, tôdas as pessoas que dela me falaram, corroboram o juizo de Ramalho Ortigão.

Nada mais injusto.

Para o demonstrar, porém, matemáticamente, seria necessário publicar o "esboço" ou "plano-programa" que se encontrou nos papeis de Eça de Queiroz, em 1924.

Quem pode fazê-lo? O sr. António de

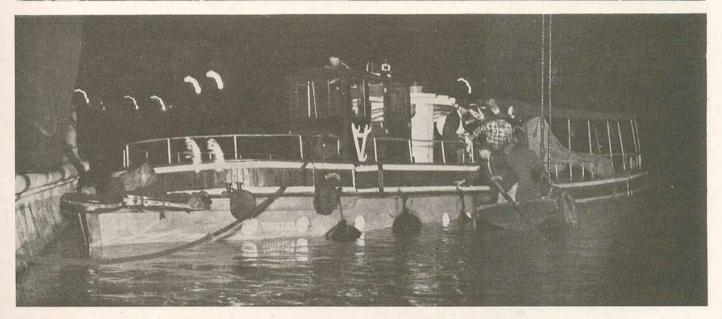
Eça de Queiroz, seu filho.

O NAUFRÁGIO DA LANCHA "TONECAS"









Ao centro: A tripulação da draga «Finalmarina» que meteu no fundo a lancha «Tonecas», e que comseguiu salvar sete náufragos. — A' direita: O hidro 7 da Aviação Naval próximo dos mergulhadores. — Em baixo: A lancha «Tonecas» depois de iter sido posta a flutuar, tendo sido encontrado o cadáver do marinheiro António Germano agarrado ao sleme

dodnia inica adhuc n ladano viri indi crudit intaña. Prim? apud coa liber-vocat brelich: que nos genelim diam. Bois allamoch: qui crodus appdlat. Tarius vagerra: îd é leular?. Quart? vagedabr: que numeq voramus. Quir dleadistarim: q duiono-quos prie moradi de left apellar. Boin phay odine facilie: a mapiunt a ihu blio naue: qui apud illos iolie bemum diat. Deinde lubaruc fopdymid eft indiailibu: a in endan ropingue ruch-quia în dichs îndică: tra ci? narrat hiltoria. Texcius lequitur famud: quan non regnou pmu r fom diam? Quarr? maladim id ē

A Biblia Mazarino, de 42 linhas, impressa por Gutenberg

To ano de 1397 nasceu em Magúncia um menino que recebeu na pia baptismal o nome de Hans. Como era filho de Friele Gansfleich e de sua mulher Elsa Gutenberg, o apelido a adotar carecia de ser estudado. Se, por parte do pai, Gansfleich queria dizer "carne de ganso», Gutenberg, por parte da mãe significava "Boa Montanha".

O rapaz passou a chamar-se Hans Gansfleich. Frequentou as melhores escolas que existiam então nos conventos. obtendo, a breve trecho, as mais altas classificações.

Nisto, rebentou a guerra civil que veio modificar por completo a situação do estudioso rapaz. O pai Gansfleich foi morto, sua mulher ficou reduzida à miséria, e as duas irmãs Bertha e Hebele entraram, por esmola, para o convento de Santa Clara em Magúncia.

Hans exilou-se em Estrasburgo, onde teve de procurar trabalho para se sus-

inpler and lorses lope there better his ac to uni pocini cincidenti (in 1 piano nora viene pare sur pienesperitati con principi piene principi cincipi piene principi piene principi cincipi cinci

Coma planifima ablalumados um Tropio in um

DOMING DEMANTITE ON THE PROPERTY OF THE PROPER

Destrict pictures of the property of the pictures of the picture of the pictures of the pictur cFornia planeriz renullianto in marco emiculo

Carta de indulgência do Papa Nicolau V aberta a baril por Gutenberg

tentar. Conseguiu ser admitido como operário numa oficina de quinquilharia, iniciando-se na arte de trabalhar e polir pedras e espelhos e até gravar em prata.

Daí lhe surgiu a idéa de gravar, sôbre blocos de madeira, versículos religiosos, curtas orações, poesias, que aplicava no papel, à guisa de carimbo, obtendo assim grande número de exemplares, Assim esperava obter alguns proventos, a fim de auxiliar a pobre mãe. Êste engenho foi mal recompensado, visto aparecer logo quem dissesse que essa "escritura artificial, era obra de feiticaria. E tomou tais proporções a acusação que o pobre Hans Gutenberg (passára a chamar-se assim para se distinguir de um dos tios que se assinava Hans Gansfleich) fez desaparecer qualquer indício comprometedor.

Logo que lhe foi possível, abriu por sua conta, uma oficina de lapidador, conseguindo assim estar mais à sua vontade. Como vivia só, e não deixava penetrar fôsse quem fôsse na sua oficina, logo os detractores começaram a urdir lendas pavorosas contra o feiti-

ceiro que, por artes diabólicas, conseguia a "escritura artificial".

Entretanto, Gutenberg ia trabalhando, completamente alheado de tudo e de todos. Foi então que a ideia da imprensa lhe começou a germinar no espírito. Tendo reconhecido o inconveniente das pranchas de madeira gravadas, procurou um processo mais prático que lhe permitisse reproduzir os textos. Diz-se que, manejando vários sinetes, lhe brotou a ideia de empregar letras móveis. A princípio, pareceu-lhe que a madeira poderia ser utilizada para tal fim; mas depressa se apercebeu de que nada conseguiria

com material tão pouco resistente. A fôrça de trabalhar com metais, realizou várias experiências, acabando por escolher o chumbo. Como carecia de grande número de caracteres, chamou em sua ajuda um fundidor. Alinhados os caracteres, estudou a tinta que deveria empregar, acabando por conseguir uma

mistura de pós de sapatos e óleo de linhaça, que, por ebulição, dava uma espécie de verniz. (Esta mistura é empregada ainda hoje)

Para se obter a impressão, era necessário um certo contacto, que não era possível numa grande tiragem, a não ser per-

dendo muito tempo. Ainda assim, Gutenberg não desanimou.

Um dia, passeando pelo campo, assistiu à prensagem das uvas num lagar. Isto lhe deu a ideia de aplicar idêntico sistema à impressão dos seus tipos. Encomendou logo uma prensa para os seus traO 500.° ANIVERSARIO

Misérias e atribulações sofridas

balhos tipográficos, mas tudo com o maior segrêdo, não fôssem os vizinhos dar pelo "feiticeiro" ...

Em 1436 procurou uma oficina mais ampla nos arredores da cidade, alugando uma dependência do velho convento de Santo Arbogasto que se encontrava em ruïnas. Vieram parar-lhe à mão vários textos religiosos que passou a reproduzir. Estes preparativos custavam-lhe muito caros, sendo-lhe impossível arcar com semelhante despeza. Não só deixára de enviar a pensão que estipulára à pobre mãe, como se encontrava em sérias dificuldades para pagar ao fundidor. Em tão crítica situação, associou-se com Hans Riff, maire da pequena comuna de Lichtenau, que, após ter sondado a importância da invenção de Gutenberg, logo farejou fartos lucros, adiantando algum capital.

Um dos antigos companheiros de Qutenberg na oficina de quinquilharia, André Dritzehen, pediu lugar na sociedade, o mesmo sucedendo com André Heilmann. A nova sociedade tinha por fins: "polir pedras, fabricar espelhos e dar incremento a uma nova arte».

Contava Gutenberg com a feira que deveria realizar-se em Aix-la-Chapelle, para vender espelhos, e, desta maneira. fazer frente às despezas da sua tipografia ainda embrionária. Mas, como a feira foi transferida para o ano seguinte, a situação agravou-se. O sócio André Dritzehen sofreu tal abalo que pouco tempo durou. Seu irmão Nicolau, calculando que o negócio corria bem, insistiu em ficar com a parte do defunto, mas, quando que se apercebeu de que a indústria dos espelhos servia apenas para subsidiar uma tipografia, processou a sociedade, e reclamou a parte que lhe competia.

Na impossibilidade de fazer face a tais encargos, Gutenberg nem sequer pretendeu iludir os juizes... Nem sequer se defendeu... Foi condenado e forçado a abandonar todo o seu material. A tipografia foi vendida a um tal Mentel que pretendia chamar suas a todas as descobertas de

Desiludido, o desventurado inventor regressou a Estrasburgo.

Restava-lhe a companhia da esposa para lhe suavizar êstes maus bocados... Mas, atendendo a que esta mulher o chamára um ano antes ao tribunal a fim de o forçar a cumprir a sua promessa de casamento, é natural que nem os carinhos conjugais lhe restassem...

Instalando-se numa loja de Tjergarten. voltou a dedicar-se à quinquilharia, mas pensando sempre no seu invento que ninguém queria auxiliar.

Em 1445 regressou a Magúncia, indo

DA TIPOGRAFIA

pelo genial inventor da Imprensa

habitar na casa Zum Jungen que pertencera à família de seu pai. Contava com o bom nome dos Gansfleich para conseguir protecção.

Em 1450 alcançou do banqueiro João Fust uma concessão de 800 florins para compra de materiais, papel, chumbo, etc., e mais 300 florins para despezas gerais.

Se a sociedade fôsse dissolvida, Gutenberg restituiria 800 florins, e, enquanto

Innitat-Dominii dum noftr

De Benite eeul-an Quiamir

falutare fuum: in confpe

ricordie lue: et veritatis f

oftri, Aubilate dinio tare et exultare et plallite,

in cythara in cythare et v

uit iusticiam fuam, Re

Antate domi

quia mirabili

bit libi detera

landum ems

de Gutenberg, especialmente nas matrizes

Iniciou-se então a impressão de uma Biblia latina, mais conhecida pela Biblia de Mazarino ou pela Biblia das 42 linhas, sendo por isso que se distingue de uma outra que foi impressa um pouco mais tarde, e que tem apenas 36 linhas em cada página.

Estava-se na época em que os enviados do papa Nicolau V andavam por todos os países recolhendo dinheiro para ajudar o rei Lusignan, de Chipre, na sua cruzada contra os turcos. Ora, em Magúncia, um arrecadador das somas dadas em troca de indulgência plenária, um tal Paulinius Chappe, tendo conhecimento dos trabalhos de Gutenberg encomendou-lhe a impressão de diplomas de indulgência, mediante os quais "tôdas as boas pessoas poderiam remir qualquer penitência por seus pecados, tanto nêste mundo como no outro, após uma

rigorosa confissão e arrependimento». Como o trabalho

caminhava, e a Bíblia estava prestes a ser terminada, João Fust achou asado o momento de reclamar os fundos que adjantára. Estava-se em 1455. Gutenberg não estava ainda habilitado a reembolsar o seu credor. Novo processo. Gutenberg foi condenado, vendo mais uma vez o seu precioso material passar para a mão de um im-

placável usurário. O desventurado inventor tinha então 58 anos

de idade. Retirou-se para a casa Bonamontis legada pela família de sua mãe a um dos seus parentes. Como captasse a confiança do dr. Conrad Humery, sindico da cidade, êste facultou-lhe os meios necessários para montar uma nova oficina. Gutenberg voltou ao trabalho mais coraiosamente que nunca. Imprimiu a Bíblia, o Catholicon, e, seguida-

mente, a Crónica dos Soberanos Pontifices, chegando a fazer tiragens de

durasse, os lucros seriam divididos em partes iguais pelos dois contratantes. João Fust, compreendendo a expansão

que esta nova indústria encontraria, re-

comendou a Gutenberg um operário

chamado Pedro Schoeffer que se espe-

cializára em Paris em caligrafia e traba-

lhos em metais. Para segurar mais êste

novo colaborador, Fust deu-lhe em ca-

samento uma filha chamada Cristina.

Schæffer soube corresponder à con-

fiança, pois logo que se inteirou do novo

ofício, sugeriu melhoramentos na técnica

trezentas folhas por dia. Torna-se muito difícil conhecer exactamente a obra de Gutenberg visto êle não assinar nem datar os seus trabalhos.

Quando se preparava para gosar uma velhice sossegada, após uma vida de trabalho exaustivo que a má fé, a inveja e a ganância dos seus detractores sempre

riem abiffir et (piris? bin feeta nur lup ağas Dinun mus tri ar tur Se fada eft tur ik uidir inio l'er o elle bona : er binifir hæm a midvis-apptlanir qui lucem bié et enteban nodé-Fadig et udpe a mane bies unus Dinir quoqi trus Viar fumamenti in medio aquan: B einpa da eaupa radinid r feir teus firmanien : biniling age que mir ti famamiro au tre que már lup homammui: er fami el ira-l'Occurrer trus immamini mii:n tadii et udpe et mane bies legg. Bing ut ro bris- L'ogregori ague à 10 eto fune in loni unu i apparar anda-Er farfü eft ira-Er uotauit trus anda farm: agrega fondas aquas appellarar ma na-Er vibir mis q din biili a air-Gamina in babam vi mur er fannur fennu: a figuis pomifen faciro fructi inera genuo fini : cuiº famé in fammp fo fur furp fram-est factor off inc r mmin adad com ulang, B fancien fonce inera genue for um:ligning fance fouch a ba-Ins uninter family from the aim lui de vidir mus quella bomi: er fachi è uripe a mane

A principio accurit due celi s como Tenta due con inanie

er vanua: er enerber erär frep fa-

Dies unius Dirico cum dus-Fant limitada in Jamania ofi-a binibant biem at node: er funt in figna er empa-s bir s annos:ur lurăr în firmami to chi er illumiient dann-de fac mm off int-Pring true buo la ius ur peller biei er luminaer mi mo ur örlfer noch: a Arlan-a politi cas in fromamico ofi ne luccent (up fram:et pelleut di ri ar nodi: 1 dinibert luren ar nilli qi eini ribiu 12 -eardrim hours : er fachú ell uefur er mas ne bies omis. Dieie ma mis-Probumint aque uprile alle ub ummo m votante fiip fram: 05 furnamento edi. efertirina 27 om oranbia- m onion animä q, aup stiderom om mmmir burreaur aque i species suos: er ome notante fetim ormie fi um-Er vibit to o) dla bonu. bandings a dice - Lalan mans : aurlor ministraur fu p frá-er fadá i vrípe a mane bies hinne-Dinit quog: true-Proburat ma aiam vintem in court (up: immita et croili a. a brilias mar frim foto fuas-Dadi i in ft frit trus binas for inna fore ficas: immi-'m er omme repole erre in genetr fino-Et vidit itus qo elle ba-

Página da Biblia das 36 linhas que se seguiu à edição Mezurino

pretenderam inutilizar, surgiu um novo contratempo. Rebentára a guerra civil em Magúncia, onde o arcebispo Thierry de Izemburgo enfrentou Adolfo de Nassau, recusando-se a ceder o seu lu-

Toda a cidade foi devastada pelo fogo e pelos morticínios.

Finalmente, sendo restabelecida a calma. Gutenberg, que gosava a estima de tôdos os seus concidadãos, recebeu uma distinção honrosíssima. Adolfo de Nassau conferiu-lhe em 1465 o título de oficial da sua casa que lhe dava direito a receber, anualmente, "um trajo de côrte, vinte alqueires de trigo e dois toneis de vi-

Isto não obstou a que continuasse a ocupar-se da sua tipografia, onde guiava com o maior desvelo o trabalho dos seus discípulos. E assim se lhe extinguiu a vida, contando 71 atribulados anos.

Foi sepultado no convento dos Franciscanos, onde o esqueceram a tal ponto, que até o obscuro epitáfio que lhe puseram sôbre a campa rasa desapare-

Dis boc opulculus nintu ac copletu et ad cufebras coi industrie in quitate O) aguntin per Johamne fult que et Betru lebouffber de gernfleyen clerica biotef ciuldes eft confiis mati, Anmo mearnacois omez. M.ccce. lxn-Invigilia affumpions glofevirginis marie.



Fectivo da 2.º edição da Biblia, de Fust e Schoeffer



Aquilino Ribeleo

Um livro de Aquilino Ribeiro é sempre um acontecimento literário que o público fixa com devoção, citando páginas que são das mais belas da literatura portupuesa.

Vai-se por êsse país fora, e até nos pontos mais remotos, onde parece não ter entrado ainda a luz bendita da Cartilha Maternal de João de Deus, ouvimos citar a obra de Aquilino Ribeiro.

- Oh! aquele "galo da Rita Scismas, aquele churro galaroz com esporões de guerra e polainas de montador, crista em serrilha, e uma face branca, glabra, acima duns barbilhões tão compridos e vermelhos que parecia andar sempre a a rir-se do mundo, o mariola....

E o povo sabe de cor páginas inteiras do tão fecundo quão genial escritor, sejam do Andam faunos pelos bosques, sejam das Terras do Demo ou de tantas outras que a sua pena primorosa e infatigável produziu e produzirá.

Vai aparecer outro livro - Mónica - em que Aquilino Ribeiro nos delicia com o seu empolgante talento de romancista e nos instrui com a sua profunda erudição.

Eis um trecho dessa nova obra prima que o maravilhoso cinzelador da Estrada de Santiago acaba de publicar:

senhor Afonso Ruas mandou pôr o rocking-chair na sala em que Fraulein erigira a sua cátedra e quando as duas apareceram com livros e cadernos já êle lá estava, meditabundo, a História Universal dos Terremotos fechada sôbre o dedo em guisa de registo. E foi de mente prazenteira que se preparou para assistir à lição da filha. Era êsse um dos seus regalos, tanto monta que a matéria do dia fôsse línguas, literatura ou até música. Noventa e nove vezes por

cento ficava sem perceber patavina, mas embora, contentava-se com o cantarolar da voz juvenil, os gestos e as atitudes duma representação de todo nova para êle que não conhecera mestre nem mestra. E uma conclusão êle atingia, mais fàcilmente que a acertar os juros duma letra: a miúda era afinada como coral; podia agradecer à Virgem Santa Catarina a boa memória que tinha, e não era dêle, sem dúvida nenhum asno, havendo, todavia, coisas que nem à picareta lhe entravam no entendimento, mas muito menos da māi, essa, uma autentiquissima cabeça de jerica. Às duas por três, dava

sota e az à mestra. Lá estavam elas pega-— Brekekekex, coax, coax, que quer di-zer então, Monichen? — interrogava Frãulein, venta no ar, em posição de batalha,

- As Rãs obedeciam a um propósito manifesto: fazer a apologia de Ésquilo em desprimor de Eurípedes, cuja memória ia num crescendo de admiração entre os atenienses... - pronunciou Mónica em tom de recitativo.

Está bem, mas que significa o brekekekex, coax, coax? - tornou a mestra. interrompendo-a.

Mónica quedou um instante perplexa, como se houvesse perdido o rumo, e rompeu adiante com desopressiva e cantante articulação:

- Puh, em meu juízo, não deve querer dizer nada. Vozes ao vento.

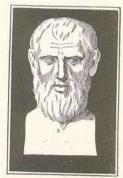
- Ora essa!

- Pois que poderá significar...? As rās da lagoa Estígia entoam o seu brekekekex, coax, coax, pelo mesmo motivo por que as velhas nos soalheiros da Grécia fiam na roca; é êsse o seu papel ou assim o entendem.

A alemā abria muito os olhos espantada com aqueles conceitos. Mónica tornou, a cabeça baixa, como se procurasse

o fio do discurso:

- Sem dúvida que o berreiro das rãs pode ser interpretado como uma sátira de Aristófanes aos filósofos, políticos e oradores que levam a vida a ruíar seu tambor de charlatães; mas não será mais acertado admitir que se trata simplesmentes dum episódio ocasional, dum certo efeito cénico, no caminho de Baco para os infernos?



Arixtôfanes



- Sehr gut, sehr gut! - exclamou a mestra quebrando resolutamente o seu assombro. - E que pretendeu o dramaturgo demonstrar com a sua peça?

- Há uma tese. Quem tem mais direitos ao cetro da tragédia, Ésquilo ou Eurípedes? Ésquilo põe em cena as grandes e extraordinárias paixões; as almas dos seus heróis, para empregar a sua expressão, estão couraçadas por sete peles de boi; as suas personagens são tôdas de sangue real; vestem púrpura; falam uma linguagem pomposa, phlattothrattophlattothrat, chasqueia o seu rival, sempre com palavras de casco aurifulgido e cocar ao vento; o seu propósito é ensinar o culto das virtudes guerreiras e os seus dramas estão do princípio ao fim imbuidos do espírito de Marte. Não sabe o que é a humildade, a simpatia humana, o amor. - Mulheres enamoradas em cena ninguém mas vê! - exclama êle com jactanciosa firmeza. - Sim, responde-lhe Eurípedes, tu nunca conheceste Vénus.

Fräulein não respirava sequer, boquiaberta, olhos assestados sôbre a discipula.

- Eurípedes nasceu de facto duma deusa ordinária; a sua musa, porém, é mais que a tangedora de castanholas de que escarnece o émulo. As suas dramatis personae são tôda a patuleia menor da Grécia, gladiadores, mendigos, gramáticos, soldados, escravos, a multidão numa palavra. Falam a língua que lhes é trivial; as mulheres praticam as virtudes e vícios de tôdas as mulheres; tanto

vestem farrapos como clámide nova; amam e odeiam à semelhança da mais gente de carne e ôsso e não dos semi--deuses; a vida que agita é aquilo mesmo, sem disfarce e sem preferências, que pululava nas alfurjas de Atenas e não sòmente no Kydathenaion ou na imaginação dos poetas. A farsa de Aristófanes, cheia de parcialidade, procurava elevar Ésquilo acima de Eurípedes e proclamar a sua realeza. E nada mais inconsistente. O que surge é a superioridade de Eurípedes, realista, permeável ao meio, óptimo realizador de histriões ao vivo, sôbre Esquilo, o gigantesco movimentador de almas imensas, ou como se diria com menos respeito, o genial botas-de-elástico.

- Schlecht! - bramiu Fräulein Rottenberg erguendo-se com ar de Minerva ofendida, as faces cobertas de rubor, leve espuma ao canto dos lábios. — Que per-versão é essa, Monichen...? Preferir Ésquilo, um eupátrido, o autor da maior trilogia que nos legou a antiguidade clássica, essa divina Oréstia, ao autor duma obra charra e plebeia de verrina e de pústula, filho duma regateira?... Schlecht, schlecht! O seu livro não diz

- Por acaso não está bem? Peço perdão, Fräulein, mas já lhe ouvi dizer que a arte não tem que apresentar certificado de origem. Também lhe ouvi, se não estou em êrro, que não tem sexo e que quanto mais universal mais resiste ao tempo...

- Sim. mas o seu livro que diz?

- Se Ésquilo - volveu ela com desplante e fluência como nas lições melhor papagueadas - é o poeta das paixões extraordinárias, e todos estão de acôrdo, Eurípedes é o dramaturgo que mais fundo levou o espéculo aos abismos do ser humano. Que haja na sua obra Fedras e Stenobeas, más mulheres, não é ainda uma lealdade do seu realismo?

- Schlecht! Ésquilo é grande como um deus e puro como um diamante. A sua arte respira nobreza moral e o tom dos seus diálogos raramente deixa a região do sublime. Eurípedes, pelo contrário, a par de Ifigénia e Macária, encantadoras, pinta-nos com requinte os piores patifes e facinoras. Schlecht!

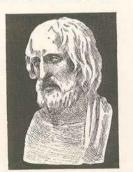
- Euripedes - tornou ela com vivacidade - é um escritor do nosso tempo. Não é arauto de virtudes, está dito, mas quem como êle sabe apresentar sob forma mais viva e empolgante as seduções do desejo, a tontaria dos sentidos, a ebriedade da ventura seguida de arrependimento e desespêro? Por isso o consideramos actual, vivo, enquanto Esquilo não passa duma divindade embalsamada.

Oh, é o cúmulo! Onde leu isso, Monichen...? No seu livro, não, que é uma edição expurgada, corrigida das obscenidades tão correntes em Aristófanes, própria para meninos e meninas. Onde leu? Isso não saíu da sua cabeca... Ná! Deixe ver que publicações são essas...

Fräulein Rottenberg, que afinal acabara por desconfiar daquela facilidade dialéctica, ergueu-se da cadeira e demoliu a pilha de livros que Mónica tinha à sua direita: Pierron, Gustav Karpeles; o Lys Rouge; as Novelas Exemplares ... Não, ali não estava a fonte do escândalo. E na pasta...? Não tinha nada na pasta?

Mónica corou e a sua vermelhidão não escapou aos olhos de Fräulein, cuscuvilheira e investigadora por índole e raça.

- Deixe ver... Com desconchavada sem-cerimónia travou da pasta, ergueu-a de alto, bôca para baixo como se faz aos afogados a fim de deitarem a água que beberam. Caíu um Musset na sua encadernação deliciosa de marroquim do Levante, um estojo de dama, um pulidor de tartaruga para as unhas, retratos, uma aluvião de revistas: Oiseau bleu, Barca do Inferno, Jugend ...



Euripedes

Na praia-mar de pape! impresso gritou uma parangona: As Rās

de Aristófanes. -Cá está! Lá me parecia que isso não era licão tirada da sua cabeca, mas sim trecho decorado de fio a pavio! Lá me parecia, ah! exclamava ela radiante, a Barca do Inferno em riste. E rompeu a

ler com sofreguidão: "As Râs obedeciam a um propósito manifesto: fazer a apologia de Ésquilo em desprimor de Eurípedes, cuia memória ia num crescendo de devoção entre os atenienses. E nunca obra de crítica conseguiu resultado mais lisonjeiro ao invés do que buscava. A sátira contra o autor da Medeia redunda em luminosa defesa. O que para o sentimento grego representado, digamos, por Aristófanes, era defeito, para a tendência do espírito moderno é virtude cardial. O seu populismo, os seus estudos das almas simples e grosseiras, a sua vis pelo vulgar e a observação da vida em seus prismas morais ou materiais constituem precisamente as qualidades que nós hoje, que não ajoelhamos diante de deuses nem de principes de sangue, mais apreciamos. As rãs da lagoa Estígia entoam o seu brekekekex, coax, coax, pelo mesmo motivo porque as velhas nos soalheiros da Grécia fiam na roca. Tem alguma significação...? Em meu juizo, não deve querer dizer nada... Vozes ao vento.

Edificada, Frăulein não julgou necessário ir mais longe e jogou a revista fora com náusea:

- Schlecht! Bem me estava a parecer. D'ora-avante, Mónica, quero que me consulte àcerca das suas leituras. Ouviu? Revistas, livros, quero ver tudo antes. Ah, quem é o autor do artigo ... ? Deixe ver ...

Pegou outra vez do número da Barca do Inferno que Mónica tinha dobrado e arrumara à banda. Foi ao fundo da página e proferiu em tom de pasmo:

- Ricardo Tavarede, É o Dr. Ricardo o autor desta monstruosidade? Um homem tão distinto... um espírito que se me afigurava tão discreto! Incrivel!... Está dito: daqui para o futuro as suas leituras passam pela mesa censória. Mas, que mania foi essa: decorar o Dr. Tavarede!? Vamos à lição de ale-

Afonso Ruas seguiu com intensa curiosidade, consoante lhe permitiam as suas poucas luzes, aquela tempestade num copo de água. No fundo pareceu-lhe que Ricardo Tavarede, ou Mónica em seu lugar, não era de todo destituído de bom senso. Mas em suma era grego tudo para êle... A propósito: para onde se sumira o gentil amigo e seu advogado?

AQUILINO RIBEIRO.



Rel Faruk de Epipto

T AVIA um principe que tinha quatro irmāzinhas, tôdas elas muito lindas com as quais, segundo os costumes da terra, êle raramente se encontrava ou brincava, e ainda muito menos brincava com Sasi, a amiga e companheira de brinquedos das irmāzinhas, filha de uma dama da côrte.

Desde os quatro anos que o haviam separado das princesas e o haviam entregue aos cuidados de uma senhora inglesa de muito boas maneiras, viuva de um almirante da esquadra britânica. Durante doze anos viveu o principe sob a direcção da boa senhora, que se orgulhava em ter feito dêle "o rapaz mais bem educado do mundo, e era esta a opinião unânime, que dêle fazia quem dêle se acercava. Ao completar os seus quinze anos, decidiram os pais mandá--lo para a Inglaterra a-fim-de completar a sua educação.

O parlamento votou a soma de 16,000 libras para custear as despesas dos primeiros anos de permanência do principe no estrangeiro e êste foi alojar-se em casa de uma família inglesa, que vivia em uma pequena cidade no viçoso condado de Surrey, no sul da Inglaterra. Em pouco tempo conquistou a simpatia e amizade, não só dos que o cercavam de perto, mas ainda de lojistas e outra gente da terra, que êle gostava de

Chamavam-lhe o "Príncipe Teddy" e êle de olhos azuis, tez clara e maneiras britânicas, pouca diferença fazia de outros rapazes ingleses da sua idade. Era já relativamente instruído e era a matemática que constituía o seu estudo pre-

Os seus estudos orientais, só um prevalecia, constituído pelo seu "provador, a quem cabia a missão de provar os alimentos servidos ao príncipe, antes de êle ter ingerido algum.

Este dignitário da côrte era um farmacêutico inglês, devidamente diplomado, que, desde o Cairo, acompanhava o príncipe e que cumpria as suas funções

Numa manhã de inverno, enquanto Faruk, que assim se chamava êste príncipe do Egipto, trabalhava num canto do parque, nas suas matemáticas e nos seus estudos shakespearianos, de que muito gostava, surgiram repentinamente à sua frente oito elegantes figuras femininas, que haviam saltado de vários automóveis e que o vinham interromper nos seus estudos tão dilectos. Era a mãe, as quatro irmãs e umas amigas destas, desejosas de verem o principe, entregue aos seus estudos tão dilectos e de visitarem a sua nova instalação. Entre as amigas curiosas, encontrava-se a linda Sasi Naz Zulficar, a companheira de brinquedos das princesas, agora uma bela rapariga de 16 anos, desenvolta e desenvolvida pelo seu amor ao desporto. Faruk não voltara a vê-la desde que completara 12 anos, e a sua beleza deslumbrou-o.

Durante os dias que esta visita durou, Faruk fez a côrte a Sasi com tal entusiasmo, que a mãe julgou prudente abreviar a visita e partir para São Maurício, com tôda a comitiva.

Mas, ao cabo de três dias em São Maurício, no chá dançante do Palace Hotel, foi grande a surpreza das senhoras, ao depararem repentinamente com o príncipe. Abandonara a Inglaterra na antevéspera e, com um adorável sorriso infantil, declarara que não pudera resistir ao desejo imperioso de mais uma vez se despedir de sua mãe e ainda antes da raínha se libertar da sua surpreza, já êle arrebatara Sasi e a envolvia nas voluptuosas voltas de uma valsa

A êste encantador chá dançante seguiram-se duas semanas de encantador convívio entre a linda Sasi e o lindo Faruk, cujas feições perfeitas o leitor conhece das reproduções em jornais e no cinema.

O idílio, que havia mais tarde, de terminar à sombra das assombrosas pirâmides do Egpito, continuou em voltas vertiginosas sôbre o gêlo ou pelas aleas frondosas do bosque.

A raínha Nazli e a senhora Zulifar. sua amiga e companheira, faziam-se despercebidas, e no fim do mês de Janeiro. Faruk sózinho voltou para Surrey, para de novo se entregar às suas matemáticas e aos seus estudos shakespeareanos.

Pouco tempo depois solicitou do rei Eduardo VIII da Grã-Bretanha uma audiência que êste concedeu facilmente. Desta audiência nasceu uma grande



Tilmula dos califas no Coira

Era uma vez um príncipe formoso chamado Faruk

e uma princezinha chamada Sazi Naz

simpatia do rei pelo príncipe, sobretudo quando êste declarou que amava e tencionava desposar uma donzela, em cuias veias não corria o sangue da realeza. O rei lembrou-se que se encontrava em situação idêntica à daquêle rapazinho imberbe e a miúde o convidava para o seu palácio de Belvedère, onde o jóvem principe, com a sua jovialidade, franqueza e maneiras leais conquistava as

No mês de Abril de 1936 faleceu o rei Fuad do Egipto e, antes de embarcar em Dover, com destino ao seu país, Faruk teve com o rei da Grã-Bretanha uma larga audiência e uma despedida afecfuosa.

O rei Fuad, antes de ascender ao trono do Egipto, havia feito os seus estudos em Itália, cujas Universidades frequentou, e, proclamado rei, protegeu e promoveu os estudos universitários do seu país, reformando muito as universidades e animou altamente as investigações arqueológicas do país. Devido à sua influência muitos estudantes foram subsidiados para seguirem os seus estudos nas Universidades da Europa. Era um rei instruído que deu largo incremento aos estudos da egiptologia, a que se dedicaram muitos sábios da Europa e da América, que encontravam sempre o melhor acolhimento pelo rei Fuad. A universidade francesa que mais contribuiu para os estudos da egiptologia foi a universidade de Estrasburgo que, devido à protecção de Fuad, lhe conferiu o grau de doutor honoris causa. Por uma coincidência interessante para nós, esta universidade conferia o mesmo grau ao nosso compatriota professor Amzalak na mesma sessão em que conferiu aquele grau ao rei Fuad.

A convivência do principe Faruk com o soberano da Grã-Bretanha teve grande influência no espírito do futuro rei do Egipto, como êle demonstrou nos primeiros meses do seu reinado e na escôlha da futura raínha, a amada Sasi.

No comêço do seu reinado, Faruk receou que os parentes se opuzessem aos seus planos de casamento e esperou o momento em que estes se haviam retirado para a residência de verão, o castelo Montaza a 50 quilómetros de Alexandria, e, num lindo dia de Julho de 1936, saltou para o seu automóvel, dirigiu-se à residência da mãi de Sasi e fez o pedido de casamento. Dali partiu para o castelo de Montaza a 100 quilómetros de distância para dar parte da sua decisão. Quando ali chegou já a notícia tinha sido comunicada pelo telefone e, contra

SOB A PROTECÇÃO DA MISTERIOSA ESFINGE

a especiativa de Faruk, fôra bem recebida, e até com entusiasmo. As irmãs estavam radiantes e a mãe já se puzera em comunicação com Jossuf Bey Zulficar, pai da noiva, que imediatamente partiu de avião de Port-Said, onde se encontrava, para o castelo de Montaza.

À chegada dêste, houve reunião do gabinete perante o qual o rei declarou qual era a sua intenção, declaração que encontrou a aprovação unânime dos seus ministros. Se Sasi Naz não era vardadeiramente de estirpe real, corria no entanto, nas suas veias o sangue de uma antiga família da alta aristocracia, de origem perso-turca. A futura rainha possuia uma perfeita educação europeia; falava francês e inglês sem pronuncia estrangeira e vestia-se pelos últimos modêlos de Paris. Para a corôa do Egipto a letra F, traz a felicidade consigo; o rei Fuad atribuia a essa letra um poder sobrenatural e Faruk, em conformidade com os desejos paternos, transformou o nome de Sasi Naz, em Farida; as irmās chamam-se respectivamente Faivziya, Faiza, Faika e Fathiza e o berço Luís XVI, para o futuro herdeiro da corôa, já está

encimado pela letra F em oiro. A maioria das mulheres do Egipto vive numa meia reclusão, a-pesar-de muitos dos antigos usos do harem terem desaparecido. Faruk instalou a espôsa por forma absolutamente europeia; pode aparecer em público sem a tradicional venda sôbre o rosto e acompanha o espôso em todos os actos oficiais como rainha, tal como praticam as raínhas da Europa. Estas disposições contrárias aos costumes mahometanos, provocaram, como era de esperar, afincada oposição da parte das autoridades eclesiásticas mas, a-fim-de não ofender as tradições do país, o casamento realizou-se em absoluta conformidade com o ritual mahometano. A criança que, dêste par real, acaba de nascer foi também submetida ao ceremonial religioso tradicional. Se fôsse do sexo masculino haveria duplos festejos, visto ser esperado no mês de Ramadan. Há 1968 anos Cleopatra, raínha do Egipto, filha única de Ptolomeu, para não figurar no cortejo triunfal do imperador romano Octávio Cesar, como prisioneira de guerra, preferiu a mordedura mortal de uma serpente.

Com a sua morte o Egipto perdeu a sua independência e foi convertido em provincia romana. No ano 641 da era vulgar foi o país conquistado por Mahomed e em 1914 caiu nas mãos poderosas da Grã-Bretanha, conquistando por fim novamente a sua independência há pouco mais de um ano. A princezinha que veio há dias, ao mundo, filha de

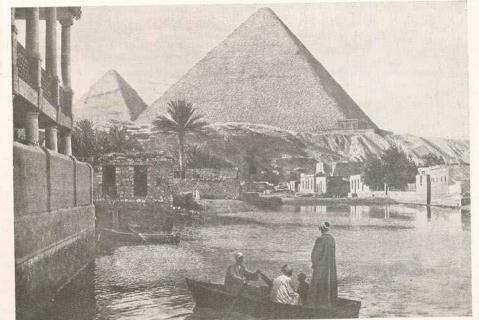




Rainha Farida de Egipto

Faruk e de Sasi Naz, é a primeira herdeira do trono que, há quási dois mil anos, vê a luz num Egipto independente e feliz.

ADOLFO BENARÚS.



MA atriz célebre, em tournée pela América do Norte, tentou precaver-se contra os ladrões. Para acautelar um riquíssimo colar de diamantes, meteu-o numa gaveta com êste letreiro: «Podem levá-lo. E' uma imitação. O verdadeiro tenho-o depositado num banco de Londres».

Quando voltou, o colar tinha sido roubado e no seu lugar êste bilhete: «Muito obrigado pela informação. O ladrão que trabalha nesta área está ausente. Como sou apenas um dos seus mais modestos ajudantes, contento-me com esta imita-

çãosinha».

Um médico ilustre, mas distraido, visita uma doente, boa criatura, mas muito estúpida.

O clínico examina a enferma, aplica-

Ihe o termómetro, receita e sai.
 No dia seguinte volta. Quando ia para

sair diz-lhe a doente:

— O' senhor doutor... Quando é que eu poderei tirar aquêle vidrinho que V. Ex.ª me deixou ontem aqui debaixo do braço?

Uma senhora repreende um filho que embirra com uma criada, por sinal muito gentil.

— Devemos ser amaveis com quem nos serve. Não gostas da Maria?

Não, mamã — replica o pequeno —
 o que eu gostava era de lhe beliscar a
 cara como o papá lhe faz às vezes.

Um rapaz, tendo vivido sempre em Mafra, preparava-se para vir a Lisboa pela primeira vez.

O pai, velho avarento, diz-lhe:

— Se eu te der algum dinheiro para gastares enquanto lá estiveres, prometes não entrar em casas de jogo, nem fazer estroinices!

- Prometo, meu pai.

 Bem, pega lá cinco escudos, e toma muito cuidado.

Entre amigas:

— Fazes lá ideia! O Alfredo é um bandido! Ontem, para o experimentar, disse-lhe que tudo estava acabado entre



Como deseja o ĉabelo; mais comprido, mais curto?...
— Mais curto não!... O senhor está enganado!... Eu não
sou a minha mulher!!!...



nós, e que eu, para êle, passaria a ser apenas uma irmã...

-E êle?

— Pediu-me logo o carro emprestado para levar outra rapariga a passear...

O pai: — E' tempo de pensar no futuro, meu filho.

O filho: — E' possível, mas não hoje. Como a minha noiva faz anos, tenho de pensar é no presente.

 Dizem que as morenas têm um temperamento mais meigo do que as louras...

— N\u00e3o me parece... Minha mulher tem sido ambas as coisas, e francamente nunca lhe notei a mais pequena diferen\u00fca.

O amigo da família para a viuva inconsolável:

 Segundo me consta, o Esteves deixou um bom seguro de vida.

A viuva, por entre lágrimas:

— E' verdade. Resta-me essa consolação. Assim, o meu querido marido vale mais depois de morto do que enquanto foi vivo.

— Qual é a diferença que existe entre o capital e o trabalho?

— Apenas esta: o dinheiro que emprestamos representa capital, e tornar a alcançá-lo representa trabalho.

Numa pensão, a dona da casa pede socorro a um dos hospedes:

— O sr. Silva, acuda aqui...

— O que é? — pregunta o hospede — morreu alguém?

 Não, senhor. E' que anda um rato na dispensa.

— Ora a pouca sorte do rato! Olhe feche-o lá dentro que o desgraçado vem a morrer de fome.

O marido irritadíssimo:

Outro chapeu novo?! Quando aca-

barás tu com essas compras inuteis, sob o pretexto de serem baratas?

— Descansa, filho — responde a mulher com a maior calma — que êste chapeu não foi nada barato.

Numa mercearia:

 Os três presuntos que comprei há tempos, saíram muito bons.

- Pois ainda tenho uns dez da mesma

qualidade.

— Ah, sim? Se me garante que são do mesmo porco, levo mais três.

Entre literatos:

 Sabes que o editor regeitou o poema que o António lhe levou.

-Foi mal feito. O negócio estava

quási fechado.

 Sim, mas o António vingou-se cruelmente.

— Como ?

— Se te parece! O editor leu o poema todo!...

O juiz para a testemunha:

— Como se chama?

- Isaura Ferreira.

— Idade?

Trinta e quatro anos.

— Profissão?

- Criada de servir.

-O que sabe?

 Sei o trivial. Cozinhar, lavar, engomar, e alguma coisa de costura.

A velha amiga da família para o bébé:

- Luizinho, se me deres um beijo,

dou-te um tostão.

— Mais do que isso me dá a mamã para eu tomar o óleo de figado de bacalhau!



— Ouve, pequeno, viste hoje o meu secretário? — Vi, sim stör... Vi-o antes do papá almoçar, mas depois nunca mais apareceu...

PARA ALÉM-FRONTEIRAS



Um elefante do Zoo Hagenbeck, de Hamburgo, tirando de um rio um carro blindado durante as últimas manobras militares alemãs



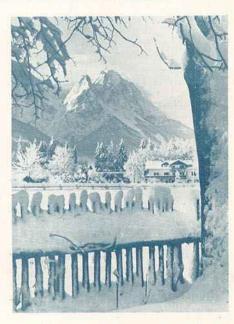
Uma coluna japonesa avançando sóbre Hankeu, após um furioso bombardeamento que causou muitos milhares de mortos



Moda pouco elegante: graças à mica, as senhoras podem agasalhar as pernas sem deixarem de as mostrar



Mr. Bonnet, ministro dos Negócios Estrangeiros da França, e Mr. Ribbentrop, após a assinatura da declaração franco-alemã



Um curioso aspecto das montanhas da Baviera em que a neve produz efeitos verdadeiramente maravilhosos



O desfile das tropas hungaras em Komarom, após a cedência dos territórios que a Checoeslováquia acaba de entregar à Hungria



O regente Hortthy e sua esposa assistem à cerimónia da posse da cidade histórica de Kíassa entregue há dias, pela Checoeslováquia á Hungria



Monements de Aledrante Barress

Coxos, incontestavelmente, um povo agricola. Três séculos atrás éramos um povo de marinheiros como, anteriormente, haviamos sido um povo guerreiro, guerreiro pela lòrca das circunstincias. Vizinhos dum país que teve sempre como preocupação máxima dilator as suas fronteiras até ao Atláutico, englobando esta faixa de terra que se chama Portugal, durante muitos séculos o principal objectivo político dos governantes lusos foi o de manter integras as fronteiras herdadas por Alonso Henriques ao rei de Leão e depois ampliadas em vitórias sucessivas contra a moirama. Assim, quando no princípio do século xiv, depois das temerárias pretensões do "Africano», à coroa de Castela que terminaram no desastre de Tóro, Portugal conseguiu, finalmente, impôr o respeito ao povo vizinho iniciamos um ciclo de vida histórica abrindo novos recursos à civilização europeia. O Oceano imenso atrais-nos. Projectados no extremo ocidental da Europa, melhor do que nenhum outro povo "compreendiamos, a existência de terras para lá da finha baca do horizonte... Henrique, o Infante de Sagres, lançara a semente. As minúsculas náus desaliando as iras de Neptuno, as ameaças dos piratas argelinos que prolongavam o seu campo de accão até às costas de Portugal, lançavam-se, ousadamente, no Oceano misterioso. E os homens que iam dentro delas

punham cheios de fé e de esperança os olhos em Deus.

Foi assim que descobrimos o Brasil. Foi ainda pelo heroísmo felto de sofrimento que os bandeirantes portugueses desbravaram os sertões do novo continente. E foi por último ao servico da elvilização, que realizamos em terras de Santa Cruz a maior obra de colonização que ainda hoje a história regista. Não admira, pois, que sejam sempre fortes, e eternos, vencendo a distância longinqua de Portugal ao Brasil, os laços de amizade que unem as duas pátrias irmãs na lingua, nos sentimentos e no sangue.

Quem melhor do que os portugueses para sentir a vibratilidade da aima brasileira; a pujança do seu sólo riquissimo: a energia duma nova raça estuante de seiva, formidável na obra grandiesa com que está contribuindo para o engrandecimento da civilização!... E também ninguém melhor do que os brasileiros para admirarem de joelhos em terra, a enormidade da epopeia lusa tão grande que abarca o mundo e deixa boquiaberta as modernas gerações quando se debruçam sobre a história dum povo que "novos mundos deu ao mundos.

Tem o Brasil mantido sempre bem viva a chama do amor que dedica a Portugal. impossível deixar de existir quando dois países têm durante mais de três séculos a mesma história, em que os herdis portuqueses são, simultaneamente, heróis brasifeiros, quando a chama da ciência que brota do cérebro de um génio, se prolecta imediatamente

no outro lado do Atlántico; quando a lingua nacional tem o mesmo valor e igual harmonia cantada à beira do Mondego ou nas margena floridas e poéticas da ilha de Paquela.

O Rio de laneiro è uma cidade chela de monumentos, homenagem a heróis que souberam guindar o Brasil moço an nivel das grandes potências do século xx E é bem verdade que no momento de prestar justica, o sentimento brasileiro não se apaga em frente da certidão de idade estranceira do heról

Este facto testemunha o alto grau de

E C O S D E ALÉM-ATLANTICO

BRASIL E PORTUGAL

Três monumentos afirmam no Rio de

civismo do povo irmão, e é mais uma prova de que a Pátria do imortal Rui Barbosa não encerra as suas fronteiras a quem as buscar e dentro delas se torne um elemento de progresso e trabalho.

O primeiro português a pisar as terras de Santa Cruz, foi Pedro Alvares Cabral. romeiro dos mares. E logo desfraldou velas e veio, Atlántico acima, alviçareira duma grande nova, a mais ligeira das caravelas do glorioso almirante. O Brasil descoberto nesse momento para a civilisação pagou mais tarde, quando nação já sentiora dos seus destinos, a divida de gratidão contraida com o destemido marinheiro. A sua estátua lá está, em frente à formosissima bala do Guanabara, Cabral, de ioelho em ferra, segura vitorioco a bandeira dos descobrimentos e das conquistas que lhe dera el-rei D. Manuel justamente cognominado o "Venturoso."

Até há pouco tempo a sua estátua erguia-se num sítio ensombrado da Praça da Olória, de costas voltadas para o mar-A sua beleza arquitectónica, o conjunto dos marcantes que acompanham em bronze eterno a imortalidade do famoso



Menamento de Eya de Oseiros

laneiro a grandeza da Raça Lusitana

almirante escalabitano, não tinha a projecção requerida. Perto chiavam os *elêctricos». Não havia ambiente apropriado à alta significação da homenagem prestada ao grande descobridor do Brasil. Porém, o actual prefeito do Rio de Janeiro, professor dr. Henrique Dosdworth. deseiando reintegrar a estátua de Pedro Alvares Cabral, em cenário mais condieno com a sua homérica façanha, determinou a sua remoção para a margem da formosa Guanabara, em ponto onde as águas atlânticas lhe venham beilar o sopé e de forma que os viajeiros, ao entrarem na linda bafa, possam admirar o bloco que representa Cabral, ajoelhado na terra morena da América do Sul!

A estátua do grande marinheiro do rei "venturoso», é para os portugueses e brasileiros que vivem no Rio de Janeiro, uma das mais brilliantes páginas da nossa história comum, e que vencendo o rodar dos séculos afirmará ao mundo a imortalidade da raca lusitana projectado "per omnia aecula, no colosso da América do Sul.

Os brasileiros homenageando Pedro Álvares Cabral saldaram uma dívida de gratidão e, continuando a honrar a memória do glorioso marinheiro, dão às gerações vindouras um alto exemplo de civismo.

Portugueses há que todos os domingos. vão em romagem histórica junto do monumento do grande almirante e ali ensinam nos seus filhos o que representa essa alta figura Insitana, a quem a Pátria deveuma das mas mais belas odeinas de glória: o Brasil.

Fra Imperador do Brasil, o sábio Dem Pedro II, quando Lopez, o ditador do Paragual, rompeu as hostilidades contra a Argentina, o Uruguai e o Brasil coligados. A um português foi dado o comando da esquadra brasileira que actuava nas águas do Paragual. Chamava-se Barroso, natural de Lisboa e tinha a patente de almirante. Na batalha de Riachuelo, a 11 de Junho de 1875, a armada brasileira, sob o seu comando, cobriu-se de glória. Pode dizer-se que êrse triunfo decidiu a sorte das armas.

marandé, são as figuras mais representativas da armada brasileira. Em paga de the grandes serviços o Brasil den a Bartoso hourarias e distinções e a posteridade ergueu-lhe uma estátua perto daquela onde se eternisa em bronze Pedro Alvares Cabral.

O nome de Barroso foi escolhido para presidir ao *Dia do Marinheiro Brasileiro, e perante o monumento que se ergue na praia do Flamengo, desfilam sempre, na data do aniversário da batalha do Riachuelo, as fôrças armadas do Rio de Janeiro, numa grande homenagem à memória de quem foi um ilustre português servindo o Brasil.

Eca de Queiroz, também tem um monumento na "Cidade Maravilhosa». O Brasil culto, o Brasil intelectual não podia deixar de prestar a sua homenagem ao mais extraordinário dos romaneistas porhigueses dos últimos 100 anos. A sua pequena glorièla na Praia do Botaforo, é uma prova de quanto o imortal autor dos "Maias, foi e é querido em terras irmãs. A personalidade de Eca é familiar a todos os brasileiros. A geração com mais de 40 anos conhece de coralgumas das suas mais belas páginas. As figuras criadas pelo génio do imortal escritor são intimas dos que uma vez leram o "Primo Basillo, ou a "llustre Casa de Ramires.

Andaram bem os intelectuais brasileiros associados ao grande público em erguer êsse simples monumento, página aberta de gratidão a Eca de Queiroz.

Quantas vezes depois de um dia de trabalho exaustivo portugueses e brazileiros vão em romagem espiritual junto do monumento ao divino Eca e ali se quedam longo tempo rendendo preito de gratidão a quem deixou páginas de intensa análise aos costumes duma época que legou às letras portuguesas um pugilo de grandes escritores.

Eca de Queiroz continuará a ser adenirado nesse Brasil enorme, tão cheio de sol de vida de prosperidade e de prrogresso.

Dentro em breve outro se levanitará numa das praças do Rio de Janeiro; a Luis de Camões, o imortal cantor da nossa ecopeia. Tomou a patriótica finiciativa deste preito de homenagem, o comendador Nicolau Guimarães, figura O heról de Riachuelo, ao lado de Ta- a todos os títulos ilustre da colónia pror-



Managements on Patter Alberts Calend

tuguesa, homem duma extraordinária têmpera e duma perseverança verdadelramente portuguesa, Director do Asilo Dom Pedro V e da Caixa de Socorros Luís de Camões, duss das mais altruisticas instituições de beneficência do Rio de Inneiro, o comendador Nicolau Guimarães só descançará quando vir transformada em realidade o seu sonbo acalentado há longos anos. Tôda a colónia portuguesa confia inteiramente na sua dinâmica acção tantas vezes posta à prova. O "Correio Português., sucessor do "Diário Português, jornal que superformente dirige como sen proprietário, é o arauto oude Nicolau Guimarães, dia a dia, infatioavelmente, se bate pela construção do monumento a Luis de Camões. Cabe agora ao govêrno brasileiro secundar a iniciativa do ilustre português, permitindo que sejam vencidas tôdas as peias burocráticas e à colónia lusa em terra irmă, ajudar a transformar numa feliz realidade o que é desejo de todos. Seria - temos de convir - um lindo número das festas comemorativas do duplo centenário da Fundação e Restauração de Portugal na capital do grande Império brasileiro a inauguração da estátua ao imortal épico, ao glorioso cantor de "Os Lusladas». Aqui delko o alvitre que sei contar com os votos de todos os portugueses que vivem com os olhos postos na grandeza da nação irmã, o glotioso

ARMANDO DE AGUIAR.



O Claustro do Museu

Uma visita ao Museu de Cascais

Comissão Executiva do V Congresso Internacional do Vinho e da A Comissão Executiva do y Congresso internacional de Vinha que há pouco se realisou entre nos com invulgar exito e internacional de incluie po La Vinha que há pouco se realisou entre nos com invulgar exito e interessante repercussão no estrangeiro, teve a feliz inspiração de incluir no programa oficial das excursões, de acôrdo com a Câmara Municipal de Cascais, uma visita dos congressistas ao Museu do Conde de Castro Guimarães, legado a esta vila pelo benemérito que tinha êste título.

O característico e inconfundível aspecto exterior do Palâcio, a sua privilegiada situação sobranceira ao mar, com o qual pode comunicar directamente, os seus floridos jardins com a pequena capela própria, o extenso parque de belos arruamentos, os luxuosos salões que encerram tantas e tão preciosas maravilhas. têem sempre merecido as mais lison-

tantas e tão preciosas maravilhas, téem sempre merecido as mais lisonjeiras referencias aos numerosos estrangeiros que o têem visitado.

Também desta vez os participantes do Congresso, manifestaram a sua inteira satisfação, publicamente exteriorisada através de um interessante artigo, profusamente ilustrado, que a propósito do mesmo Congresso inseriu, num dos seus últimos números, «L'Illustration», a categorisada revista de Paris, e de que com praser transcrevemos o curioso trecho que se lhe refere.

«Em Cascais visita ao Palácio do Conde de Castro Guimarães, hoje legado ao Estado, um claustro adorável, uma bibliotéca a fazer revolver-se no seu tumulo o bibliofilo Jacob e, sobretudo, um salão de música do mais puro português, grandes paneis de purpura, retratos antigos, o tecto com doirados de uma magnificência igual à do Palácio de Sintra, visto nessa manhã.

Mas eis que uma voz se eleva, muito pura, equilibrada, esplendida, um concêrto de canções populares nos foi oferecido, nêste quadro único, pela cantôra de Lisboa, Arminda Correia, algumas delas melancólicas, outras, mais raras, diabólicamente alegres, de um vivissimo rítmo, e pouco a pouco, com o crepusculo que vem caíndo, todo o Portugal se revela, nos seus sonhos, nos seus amores, na sua alegria, enfim em tôda a sua alma.

Foi nêstes deveras expressivos têrmos que o interessante magazine francês interpretou a excelênte impressão causada aos tresentos congressistas, em que estavam representadas catorze nacionalidades, na sua visita ao Museu de Cascais.

Várias e interessantes modificações têm sofrido ultimamente êste Museu, melhor aproveitamento das suas instalações, novas salas entre as quais a que fica com o nome do dr. José de Figueiredo e em que se expõem as valiosas obras artísticas que por éle lhe fôram legadas, mais inteligente disposição dos milhares de objectos a expôr, obra esta a que a sua Comissão Administrativa, à frente do qual se encontra o Presidente do respectivo Município, tem dedicado o melhor da sua vontade.

A curta distância da capital, numa privilegiada região turística, o Museu do Conde de Castro Guimarães representa um valor cultural de alto relevo que deve ser tão visitado e apreciado dos portugueses como o tem sido dos estrangeiros que por lá têem passado.

O Salão Nobre onde se realison o contêrto



Ecos do Congresso Internacional da Vinha e do Vinho



Vinhos Verdes

Os nossos inconfundíveis vinhos verdes que não têm em qualquer outro Pais nenhum que se lhes assemelhe, despertaram entre os Congressistas, de muitos deles desconhecidos, o mais vivo e justificado interesse.

A sua levesa, frescura, o picão, e ainda a sua baixa graduação alcoólica que permite tomá-lo em quantidades apreciáveis, sem o inconveniente da embriaguês, tornaram-no um produto de eleição hoje muito apreciado, não só entre nós como lá fora, pelo que a sua exportação, que já tinha vida no século xvi, atinge actualmente importantes quantidades

Como os demais Organismos oficiais e corporativos a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes que tem a seu cargo a organisação e disciplina da produção e comércio dêstes vinhos, apresentou-se na Exposição Documentária, realisada no Casino Estoril, com uma elucidativa instalação em que figuravam um mapa e dois gráficos de minuciosos dados sóbre a sua produção e consumo nos principais centros do País, e quantidades entradas no Entreposto destinadas à exportação.

A circundá-los viam-se ainda quadros emoldurados, com artísticas ampliações fotográficas de cachos de uvas das diferentes castas produtoras destes característicos vinhos, cujas amostras, tinto e branco, se encontravam em garrafas e em dois elegantes barrilitos de vidro.

O Moscafel de Sefubal

· A quinta essência dos vinhos licorosos quando velho é meduloso sem ser doce, períume complexo, etéreo e agradabilissimo, e uma grossura que não impede a lágrima no copo e a deglutição fácil», tais são os sugestivos têrmos em que a êste precioso vinho se referiu em 1929, o ilustre professor Rasteiro.

A União Vinícola do Moscatel de Setubal, apresentou-se na Exposição do Estoril com uma iustalação que, marcando pela sua originalidade, era bastante elucidativa. Na parede, uma linda foto-montagem dos artistas



Américo Nunes e Benoliel, com perto de oito metros quadrados, reprodusia o trabalho das vindimas, vendo-se no primeiro plano, em apreciáveis dimensões, gentis vindimadeiras ocupadas na sua faina.

Sôbre uma mesa coberta de panos regionais encontravam-se um bem delineado mapa indicativo da região demarcada, uma linda aguarela em que se vê um vapor atracado ao cais carregando barris e caixas dêste vinho para a exportação, com os respectivos gráficos, que hoje atinge já quantidades consideráveis, e ainda os dois barrilitos de vidro contendo as amostras, um de vinho corrente e o outro de vinho de reserva.

COISAS PEQUENAS, GRANDES EFEITOS

A épocas na vida das criaturas, como na vida dos países em que tudo contribui para as diminuir, para as tornar mais dolorosas e mais difíceis. Outras épocas, tudo se torna florido na es-trada da vida, tudo são sorrisos e alegrias, e, a

felicidade espreita por tôda a parte, introduz-se quási, sem que, por isso se dê, e, a vida torna-se deliciosa para as criaturas humanas, ou grandiosa para os países que atravessam uma era de felicidade.

Portugal está actualmente nêste caso e parece que as bençãos do Céu caíndo sôbre o nosso torrão pátrio fazem cair sôbre êle a atenção do mundo.

Houve tempo em que quási desconhecidos, esquecida a nossa incomparável história, a obra de civilisação extraordinária de nossos maiores, que com os descobrimentos e navegações fizeram a descoberta do mundo até ali ignorado para os europeus, e trouxeram ao país, grandeza e ao mundo assombro, por feitos espantosos; quando além fronteiras nos diziamos portuguezes insistiam se eramos espanhóis; com revolta e indignação de quem se orgulha de pertencer a um país que se é pequeno na Europa é grande,

a um pais que se e pequeno na Europa e grande, muito grande, mesmo, no mundo.
Hoje, já assim não é, somos conhecidos na Europa, como já o eramos no Oriente e podemos dizer que Portugal é descoberto actualmente por milhares de estrangeiros, como o atestam as continuas e numerosas excursões, que todos os dias, se pode assim dizer visitam

Portugal está em moda e como pelo mar é de fácil acesso, nem a guerra de Espanha, que nos cortou durante um tempo as comunicações terrestres com o resto da Europa, fez com que diminuisse a corrente de turismo que selizmente, nos torna cada vez mais conhecidos e estima-dos no mundo civilisado da velha Europa. A beleza das nossas paisagens, a afabilidade do nosso povo, a suavidade do nosso clima, o sabor delicioso dos nossas frutas, e o encanto da exuberância e côr das nossas flores, têm contribuido para espalhar o conhecimento do nosso país, e os excursionistas que o visitam, proclamam um dos mais belos e interessantes do mundo. Os nossos trajos regionais tão belos alguns e



tão graciosos, são sempre apreciadíssimos e podemos dizer que não pouco têm contribuido para tornar conhecido o país.

Pequena coisa talvez, para alguns espiritos, que não compreendem que as pequenas coisas, são muitas vezes grandes, e que êsses lindos trajos de varinas, e, sobretudo os das lavadeiras dos arredores de Viana do Castelo, têm contri-buido muito para tornar conhecido Portugal.

Esses lindos tecidos de côres vivas e brilhan-tes que as raparigas de Santa Marta, Carreço e Afife, graciosas e artistas, tecem à porta das suas brancas casinhas, que a madresilva emol-dura ou contemplando ao longe e extensão do Oceano, que as veigas cultivadas até à sua orla de branca espuma, embelezam, têm contribuido para despertar a curiosidade dos extranhos, porque se sente nêsses tecidos, que há um am-biente de grande beleza e de estética, forçando-as a produzir coisas belas e artísticas.

No linho branco das camisas, sente-se a doçura duma paisagem idílica, que as florinhas azuis do linho tornaram deliciosamente poetica, como a simbólica florinha azul do sentimento, tão espesinhada e emurchecida pelo materialismo duma época, mas que simbólica como é; têm quâsi a fôrça da natureza e recomeça a esmaltar os campos do sentimento, aqui e ali, como as florsinhas azuis do linho, os campos do norte de Portugal.

Esse linho branco e belo que os bordados azuis e vermelhos feitos pelas mãos graciosas, que empunham quando é preciso, com graça e valor, o aguilhão que esperta os bois, ou com fôrça e energia o arado que rasga a terra para das suas entranhas arrancar o pão que dá fôrça e saude, e, o encanto de quem o vê, como os lenços franjados que atráem também a atenção e pequenas coisas, têm sido de grande efeito para propaganda do país, tornando-nos conhe-

Este ano durante a «season», uma senhora ingleza tornou Portugal alvo de curiosidades apresentando-se em público vestida com o traje

regional do norte do país.

Viajante intrepida Lady Isabel Blunt-Mackenzie, filha única da condessa de Cromartie e do tenente-coronel Blunt-Mackenzie, tem percorrido o mundo. Conhece a Africa, a América, a Persia, e sempre curiosa de paisagens novas de costumes diferentes, passa a maior parte da sua vida numa contínua agitação, sendo poucos os mezes que passa na Escócia, no solar paterno, próximo de Kildary, onde chega carregada das mais extravagantes coisas que tornam a sua bagagem incómoda e até perigosa-

A sua chegada do Egito, trazia alguns crocodilos que destinou a um dos lagos da sua pro-priedades, bagagem aterradora para quem se aproximasse dos horríveis animais.

Da ilha da Trindade, trouxe uma não menos incómoda bagagem, mas pelo menos mais pacífica, tartarugas terrestres, que no seu exotismo contribuirão para tornar famoso o seu parque, em breve com uma fantástica e nem sempre agradável fauna.

Da sua estada em Portugal, levou a jóvem e bela viajante uma bagagem mais interessante .e que contribuiu para por em destaque a sua bæleza e tornar conhecido o nosso pais, porque tôdas as raparigas bonitas da sociedade de Lomdres, desejaram possuir um trajo de minhofta para realçar a sua graça.

Damos alguns aspectos de Lady Isabel com lo seu trajo, que não usa com o rigor que serila para desejar, o que choca um pouco quem estrá habituada, como eu, a ver a graça com que sas raparigas do Minho, usam garbosamente o sezu lindo trajo, graça inimitável como tudo o que é espontâneo e natural.

No trajo de Lady Isabel nota-se a falta do lenço no peito, o pouco ouro, que é o ornamento im-despensável duma lavradeira rica, a maneira éle



por o lenço completamente diferente da usada pelas minhotas que o atam no alto da cabeça, formando as franjas diadema e moldura, aos rostos graciosos.

Outra salta enorme é que a aristocrata inglesa apresentou-se de pé descalço o que nunca uma lavradeira faria com o seu trajo de luxo. Faltam--lhe as lindas meias rendadas, brancas como a neve a que nastros vermelhos servem de ligas, e, a chinelinha de polimento bordada, essa graciosa chinelinha que bate o compasso, ao andar nervoso e desempenado das raparigas das nossas

A linda senhora viu certamente as raparigas descalças na sua faina diaria e não teve quem a ilucidasse que no trajo de gala não se admite o

Mas apesar de todas essas falhas naturais em quem passa numa província num giro de automóvel sem mais contacto com a população, temos de agradecer a Lady Isabel a propaganda que a sua fresca beleza fez ao trajo regional do Minho, que atraiu a atenção das suas compatriotas, para o nosso país e em muitas senhoras despertou o desejo de conhecer o país onde as camponezas usam um tão belo trajo, propaganda do melhor efeito por ser espontanea, e, natural do feitio artístico dessa joven senhora que sabe viajar, provando-o principalmente nas várias viagens que tem feito no deserto.

Agradeçamos pois á elegante senhora a gentileza da sua propaganda que é das mais interessantes, porque das pequenas coisas vêm grandes efeitos e dos tecidos de côres variegados, que lembram o ceu puro do nosso país, o verde bri-lhante das nossas arvores, as côres vistosas das nossas flores, saira um fluido que lembrará a a todas as jovens que em Inglaterra viram a beleza do seu trajo, que é agradável viajar num país onde o pitoresco existe ainda o que não acontece, nos outros países, que civilisando-se ràpidamente perdem as características do trajo e dos costumes o que saz com que seja interessante visitar novos países e ver aquilo que não estamos habituados a ver, e não a percorrer lé-guas em terra, milhas no mar, para ver em toda

parte a mesma coisa. Civilisemos o nosso país, demos-lhe o conforto necessário á vida, tornemo-lo o mais agradável possível ao turista, mas nunca devemos perder o pitoresco dos nossos costumes regionais, que devem ser preservados da infiltração da moda banalisadora, que destroi o encanto poetico dos vestuários das camponezas e lembremo-nos sempre que conservando esses trajos tão interessantes, contribuimos para manter a graça e o en-canto do nosso pais, aos olhos dos estrangeiros apreciadores de coisas novas e interessantes

A arte de turismo de que tanto se fala nestes últimos anos consiste em manter o pitoresco e o desusado dentro do civilisado, porque hoje mais do que nunca de pequenas coisas se tiram grandes efeitos. E tudo no lo indica.

ovo ano, nona vida diziam os antigos e assim pensam algumas pessoas quando essa vida se modifica para melhor, só temos que bem dizer tal properbio, que tão bons resultados da.

Acabou o ano de 1938 mais desanuviado na sua atmosfera política, que tão ameaçadora se mostrapa no seu início. Mas a trovoada ronda ainda pelo Oriente em pesados muens carregadas de electricidade, que sacodem os nervos. e, não dão completo sosségo.

Na Europa após semanas de trágica espectativa, estamos olvendo mais tranquitamente depois da cèlebre conferência de Munich, e methor niveriamos se nalguns países se não fizessem perseguições que entristecem, porque não são duma época aberta e clara em que a inteligência ilumina o mundo, e, em que a fraternidade não depia ser uma palavra vã.

Mas o homem tobo do homem, nunca conseguirá viver numa vida de paz e bondade em que todos se estimem e auxiliem. As ambições, a falta de fé, a tentação de dominor, estragará sempre a vida das nações e dos homens, que multas vezes se torturam, matam e desgraçam debaixo do rótulo, de fraternidade e assegu-

rando que o fazem para felicidade dos posos. Quando a felicidade dum poso consiste na paz com os de fora e no união com os de dentro, numa paz feita de respetto pelos seus próprios direitos e pelos direitos alheios, numa união de esforços, para melhorar as condições morais e materiais dum pais, e nunca na matança, na pilhagem e na destruição.

Dentro dum pais todos devem trabalhar para o mesmo fim, o seu engrandecimento, o seu progresso material e o que não é menos importante o seu levantamento moral.

Num pals onde todos cumpram o seu dever e todos pensem em se unir para tornar mais forte a Pátria, que devem amar, e, mais rica a terra que os viu nascer, há forçosamente paz e há felicidade, mas para que isso seja possível é preciso primeiro que tudo que haja unido, e, que os homens trabalhem não só pelo sen interêsse próprio, como também para o bem geral e as mulheres cumpram pela sua parte a sua missão na terra, tratando de melhorar a vida dentro da familia e dentro do lar.

E' necessário que os ricos e mesmo os reme diados othem pelos pobres, atendam às suas necessidades, quando não seja por Caridade Cristà, seja por dever cívico, e melhorando a situação a alguns indigentes, cada um segundo as suas posses, concorra para que haja um major bem estar, uma prosperidade que torne a vida de todos, mais suave e mais bela-

Que o trabalho dos operários se la recompensudo pelo sen justo valor e que tódas as energias sejam aprovei tadas, mas não esgotadas, numa exploração da maquina humana. Para que a nossa vida seja bela, trangülla, felia, è necessario que à nossa volta tudo seja belo, tranquido e agra-

Porque não há coração humano, que possa ser tão endurecido, que viva satisfetto, quando nada the fatta pessoalmente, mas à sua volta gemem aqueles que nada tém.

Ajudar os pobres é contribuir para o sosségo e alegria da nossa própria vida, e, trabathar para o bem proprio e só assim se contpreende que exista a sociedade humana.

Encaremos pois a vida como ela é e conscientes dos nossos deveres, tratemos de a melhorat, trabalhando dentro da nossa situação para que a vida moral e material dos que

nos rodelam, se modifique sempre para me-E que este esforço se itensifique neste novo

ano que se abre diante de nós e que como todos começa com um ponto de interrogação. Será um bom ano, será um mau ano?

É a pregunta que sempre fazemos ao ver começar um novo ano, mas bom on man, entremos nele com confiança e Fé em Deus, com coragem para enfrentar a alda e num propósito de nos melhorarmos e de melhorar a situação dos que nos rodeiam e por quem possamos fazer alguma coisa aindando-os na vida

Novo ano, novos propósitos, novas esperancas e assim decorre a vida do homem na terra. ainda bem que assim é, porque essa esperança de melh res dias, que lhe ilumina o caminho, é que lhe dá a fórça para lutar e para

Que essa luta, seja útil neste Novo Ano e que num Portugal novo, cheto de Fé e de Esperança, todos unidos num mesmo ideal de engrandecimento, tenhamos uns para os outros a Caridade, que dá a forca e faz a união.

Que o homem forte e poderaso levante mais alto o nome glorioso do pals, que a mulher terna e cuidadosa faça mais suave a vida no lar, e que a criança prepare o futuro numa continuldade sem fim.

E que a paz reine no Mundo tornando-o mais prospero e feliz e que a Fraternidade não seja êste ano de 1939, uma palapra pă, mas sim uma realidade.

MARIA DE ECA.

A MODA

Vallana, cheia de novidades, a moda transformon por completo os centros elegantes, onde ela nasce e se espande imediatamente.

As ruas de Paris e de Londes, se não fôssem as saias curtas, transportavam-nas a 1900, de tal maneira a moda se assemelha à moda nesse tempo, e, como sempre acontece o corpo feminino modificou-se em harmonia com a nova orientação de elegância.

Cinturas finas, ancas redondas, o peito alto, a mulher de 1939 assemelhar-se-há mais a sua, mãi, do que à mulher de 1930.

Penteados, vestidos, chapéus, tudo se filia na mesma linha, tudo tem a mesma orientação, que turna harmoniosa a moda, que pelo menos tende a tornar mais feminina a silhueta da muther, que nos últimos anos, se tinha masculini-

PAGINASFEMININAS

zado demasiadamente em mas formas, vestir e modos dando-nos a impressão algumas raparigas, de rapazes que usassem saias.

Algumas senhoras não simpatisam com esta moda sobretudo com os penteados, dizendo que envelheceu, eu não concordo com êste parecer e prefiro ver meninas com um penteado que as carregue um pouco, a ver caras em que a mocidade passou há muito de cabeleirinhas infantis e caracois angelicais, caindo-lhe nos ombros.

Quem é nova sempre o parece e quem já o não é tem de se resignar e tirar o melhor partido da moda, procurando o que a favorece, e,

Damos hoje alguns modelos da última moda e dum grande requinte de elegância. Para a noite, para grande gala uma encanta-

dora «toilette» de grande luxo e elegância, que pela forma lembra os vestidos de balão e evocam a figura elegantíssima da Imperatriz Eugénia.

O vestido é em «lamé» de prata, Corpete da maior simplicidade. A saia muito ampla e dum corte elegantissimo. Todo o vestido «voilé» de cór de rosa com graciosos motivos de galão de prata. O penteado muito simples de risco ao meio, o mais Imperatriz Eugénia possível; é guarnecido com duas camélias cor de rosa. E uma linda «toillete».

Para jantar temos uma diliciosa blusa em «crepe chiffron» preto. Leve delicada, feminina é dum encantador efeito. As mangas curtas são ajustadas ao braço por um canhão de pregui-nhas, que forma um folhinho, duas bandas de inhas guarnecem-na de alto a baixo de cada lado do «jobot» que forma a frente da

A gola é feita por uma tira que ata num laço e è apertada de cada lado por dois «clips» em



brilhantes. E usada sôbre um forro de sețim branco e com saia de setim preto.

O penteado é do mais moderno estilo e elegantissimo, deixa livre a nuca a as pontas do cabelo armam em graciosos caracois no alto da

A blusa pode ser usada debaixo dum casaco de abafar e ficará muito bem com um «tailleur» de côr clara ou côr viva.

Para a tarde e para jantar um elegante vestido em veludo de seda violeta de parma, a côr preferida da falecida rainha Alexandra, êste restido é do estilo a que os ingleses chamam Eduardiano.

O alto do corpo é todo em tranzidos e tem gola alta, os punhos e a borda da saia são guarnecidos por uma «ruche» franzida, o cinto no mesmo veludo fecha com uma linda fivela. O chapéu é uma choux de plumas roxas e guarnecido com um veu na mesma côr,

Para abafo, casaco em «Persian Camb», preto, guarnecido nas mangas a raposa «argentée» acompanha-o regalo em raposa, formando um conjunto elegantissimo. Chapeu em veludo preto guarnecido de penas género «conteaux».

Capa rica em «vison» da maior simplicidade esta capa tem a vantagem de poder ser usada com uma «toillete» de noite. Chapén em feltro guarnecido com passarinhos pretos e um amplo veu que cai pelas costas.

TESOURO DESCOBERTO

Сомо nos antigos contos descobrem-se ainda uno mundo antigos tesouros ocultos, o que é para admirar perante a febre da procura de ouro, que tem feito o homem remover a terra para o encontrar.

Num ponto da costa australiana, chamado Queenseliff, um mergulhador indigena descobriu a caverna onde o pirata espanhol Benito escondeu no século xviu um valioso tesouro avaliado em cêrca dum milhão.

O tesouro fruto das proezas dos corsários na

costa da América Central consistia de duas estátuas de ouro de tamanho natural, roubados por Benito na Capital do Perù.

A noticia da descoberta da caverna interessou sobremaneira os financeiros australianos, os quais formaram imediatamente um sindicato, para recuperar tesouro, um mergulhador escafandro, trabalha já há algumas semanas em Queenseliff, para descobrir uma passagem que leve à caverna. Até agora, porém, os seus esforços têm sido infrutiferos e os traba-Thos estão suspensos à espera que ali chegue um poderoso reflector submarino, que ilumine bem a costa e permita descobrir a passagem aos trabalhadores, que conduzirão as estátuas.

MEIAS DE SEDA

Estudos feitos recenhistória do trajo, fixaram a atenção dos investigadores sôbre um objecto muito importante do vestuário, e, que para as senhoras tem a major importáncia: as meias.

Até ao século xvi na Europa não se conheciam as meias de seda, sômente meias de la e algodão cobriam as pernas dos curopeus, mesmas as reais e imperiais

O primeiro a enfiar um par de meias de seda foi Henrique VIII de Inglaterra, que as receben como precioso presente dum principe espanhol As senhoras continuaram a usar modestamente

as meias de là ou de algodão, até que a raínha Isabel, filha de Henrique VIII, subiu ao trono de Inglaterra e lançou a moda das meias de seda

para as senhoras. A capital das meias de seda, em França, ê Iroe-ges, velha cidade histôrica que muito tem interessado os investigadores, que se dedicam a história das meias.

Não se têm poupado a estudos para estabe-lecer a data de nascimento desse produto que fez a riqueza desta pequena cidade e que ainda hoje dá trabalho e riqueza áquela região.

Segundo estes historiadores as meias de seda farão dentro em ponco o seu aniversário natalécio. sendo o seu aparecimento em 1537, têm portanto quási quatrocentos e dois anos.

E não se sentem emve-Inccidas com esses muos, quando revestem umas bonitas pernas, e, se mostram em todo o sem esplendor.

Há pois quatroceintos anos que a mulher usa as meias de seda, mas munca clas se usaram tanto como agora e nunca se moistraram em saias tão curtas.

A meia de seda é uma linda coisa e fica bem a qualquer senhora, mas

para ter encantos, deve ter o seu mistério, como tudo neste mundo, e não vede ser exibida com tanta liberdade, como o é actualmente. Conservemos o seu uso mas sejamos discretas

nesse uso, o que será interessante para as meias, e mais distinto para as senhoras que as usam. HEGIENE E BELEZA

A beleza do cabelo tem sido reconhecida sem-pre como uma das que mais contribuem para o esplendor da mulher e hoje mais do que nunca se reconhece o encanto dessa beleza mas nem sempre êsse reconhecimento, leva a torná-la

Actualmente há a mania de pintar o cabelo o pretexto, em geral, são umas brancas que quasi adivinham, e a realidade é que a mulher o que descia é variar e embelezar-se, o que nem sempre sucede, porque se à primeira aplicação o cabelo fica lindo, com a continuação quelma-se

O cabelo para ser sempre bonito e abundante não deve ser torturado com frisados nem pinturas, tem de ser tratado com cuidado, lavá-lo uma vez por mês, escovado uma vez por dia e aplicar-lhe duas vezes por semana, brilhantina ricinada, abrindo riscos e aplicando com uma pequena escova.

Seguindo este sistema conserva se tôda a vida uma linda e abundante cabeleira.

DE MULHER PARA MULHER

Chica! Não creio que faça bem em tomar essa resolução sem consultar a sua mãi. Já que tem a felicidade de ter junto de si essa conselheira, a melhor que pode ter, consulte-a ainda mesmo nas nequenas coisas quanto mais num assunto dessa sportáncia e que ela melhor que ninguém poderà esclarecer. E não se precipite-

Fieleta: Pelo contrário deve insistir e não ce-

der um palmo de terremo conquistado. Se há colsas em que a mulher tem o dever de conciliar e ceder, pondo de parte a sua vonta-de, quando se trata da dignidade da família e da consciencia, tem de ser calmamente firme e não ceder.

Evite discussões e pela dignidade da sua atitude vencerà e talvez consiga que éle volte ao



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Candido de Figueiredo, grande e pe-quena edição. Simões da Fonseca (pe-queno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Móvima a Aldácia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 20

(Totalidade - 17 pontos)

QUADRO DE HONRA

Ti-Beado, Siulno, Rosa Negra, Erebelo, M. A., P. M., Felix Lobato, Mr. Moto, Tripa Mágica, Sir Bay, Alvarinho, Eusapesca, Barão Y, Ramon Lácrimas, Dama Negra, Mirna, Infante e Sol de Inverno.

QUADRO DE MÉRITO

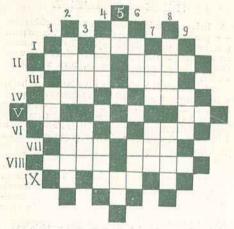
Tarata, Anjo das Serras, Visconde X, Agasio, Diriso, Sevia e Francisco J. Courelas—
13. J. Tavares Pimpas, D. O. X., Tarata e Cigano—11. Aureolinda, Doris I, Larabastro e Serrano - 9. Américo Dias - 6

DECIFRAÇÕES

 Velhaco. 2 — Engangento. 3 — Ovídio.
 Fédora. 5 — Respe-respe. 6 — Sosano 7 — grado. 8 — Vaca. 9 — Terramoto. 10 — Deco-Sagrado. 8 roso. 11 — Mo(fi)no. 12 — Ma(dras)ta. 13 — Bu-(si)lhão. 14 — Vi(o)la. 15 — Vi(ro)so. 16 — Argo-mas. 17 — Do mal guardado come o gato.

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 1



HORISONTAIS:

I – Íntimo. II – Afeição; faísca. III – Epoca; Salvé. IV – Partes iguais; cartel. V - Graça; nociva.

VI - Lá; canta.

VII — Poesia; sofrimento. VIII — Uni; elevada.

IX - Ente.

VERTICALS:

1 - Altar

2 — Assim seja; qualidade.

3 — Agora; partida. 4 — Cólera; aqui está.

5 - Certo; o ser consciente.

6 - Reza; entregar.

7 — Insignificância; génio. 8 — Leal; nascimento.

9 - Aia.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

esporto mental

Sob a direcção de ORDISI NÚMERO 29

PALAVRAS CRUZADAS

A partir do presente «Desporto» e nos números referentes aos primeiros dias de cada mês será publicado um problema de palavras cruzadas.

Aos produtores será atribuido, gratuitamente, um exemplar da «llustração», por cada pro-blema publicado, em igualdade de circunstân-cias com os autores dos «desenhados». Para os decifradores será sorteada uma obra literária no valor de 10\$00.

PLANO DE DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS LITERÁRIOS EM CADA TRIMESTRE NESTA SECÇÃO

Contorme anunciámos no pássado número, damos a seguir o modo de conferição de pré-mios aos colaboradores dêste «Desporto».

DECIFRADORES

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de 12\$00 a 15\$00, ao decifrador que maior número de pontos obtenha durante o referido trimestre, recorrendo-se ao sorteio em caso de empate.

2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 10\$00 a sortear entre os decifradores que obtenham mais de 50 % de pontos, excluindo os concorrentes ao 1.º prémio.

3.º prémio. Uma obra literária, no valor de 5\$00 a 7\$00 a sortear entre os decifradores com manos de 50 % de pontos.

menos de 50 % de pontos.

PRODUTORES

EM VERSO

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de

10\$00 ao autor do melhor logogrifo. 2.º prémio. Uma obra literaria, no valor de 7\$00 a 8\$00 ao autor do lologrifo classificado em 2.º lugar. 1.º prémio. Uma obra literária, no valor de

10\$00 ao autor do melhor trabalho, além dos

logogrifos.

2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 7\$00 a 8\$00 ao autor classificado em segundo lugar, nos mesmos trabalhos.

EM PROSA

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de

10\$00 ao autor da melhor produção. 2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 7\$00 a 8\$00 ao produtor classificado em segundo lugar.

3.º prémio. Uma obra literária, no valor de 5\$00, ao produtor classificado em 3.º lugar.

Tódas as obras indicadas serão editadas pela Livraria Bertrand e por ela indicadas.

NOVA NOMENCLATURA CHARADÍSTICA

Conforme nos referimos, no número anterior, efectuou-se, no día 10 do mês último, uma reu-nião de abalisados charadistas para tratar da reforma da numenclatura de algumas espécies. Tiveram a gentileza de aceder ao nosso con-

vite os seguintes confrades: Bisnau, pela Ter-túlia Edipica; Mirones, pela Liga Auxiliar da «Charada»; Matuto, pelo «Senhor Doutor»; Jo-frato, pela «Cultura e Recreio»; Arierepamil, (delegado de «Poeta das Dúzias») pelo «Sports»; Dropé, pelo «Grupo X»; Zé da Ponte, (individual); o Director desta Secção, como organizador da reunião e representante dêste Desporto Mental>.

Exposto o tema a discutir e depois de se ter feito uso da palavra, verificou-se que todos os presentes estavam de acôrdo na modificação da nomenclatura existente, à excepção do delegado

de «Poeta das Dúzias», que opôs a sua discordância absoluta.

O principal inconveniente que parecia obstar à mudança das denomi-nações era o facto de se recear a confusão, especialmente nos novatos.

Porém, encontrou-se, logo, maneira fácil de remediar êste possível inconveniente, fazendo acompanhar, durante algum tempo, as duas designa-ções: Anliga e Moderna. Entretanto como, a certa altura da apreciação da tése, um confrade desviasse a atenção do assunto, que se estava tratando, para um outro charadístico,

também, mas diferente, resultou fal-tar o tempo para o completo estudo da questão e por êsse motivo temos de organizar segunda reunião, possivelmente, nos meados do presente mês, para se assentar em bases difinitivas.

A nossa proposta para a nova nomenclatura

é a seguinte:

Antigas e novissimas ou em frase, passam a ter a designação comum, quer em prosa ou verso: — ADÎTIVAS.

Mefistofélicas: - ENCADEADAS.

Eléctricas: — REVERSIVAS.

Figurados: HIEROGLIFOS SIMPLES, FIGU-RADOS SIMPLES ou FIGURADOS COM-PLETOS.

Pitorescos: — HIEROGLIFOS COMPLEXOS, FIGURADOS OMISSOS ou FIGURADOS INCOMPLETOS.

São estas as principais espécies que merecem o nosso carinho, baptizando-se com nomes apropriados e determinantes, embora muitas outras, necessitassem também novas designações, mas que são pouco usadas.

Aguardamos, pois, um acôrdo difinitivo para começarmos a empregar nesta secção as novas

nominações.

TRABALHOS EM VERSO CHARADAS ANTIGAS

1) Vamos! amigo Faria, - 2 Não ralhes, com mil macacos, -2 Haja paz, haja alegria, Não qu'remos na confraria Nem tratantes nem velhacos.

Magnate (L. A. C.)

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.9-

ENIGMA FIGURADO 2)



Leiria

Magnate (L. A. C.)

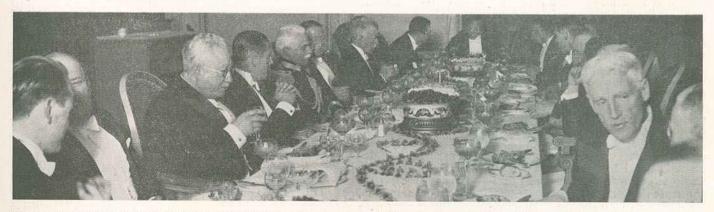
ECOS DA QUINZENA



Os srs. Presidente da República e Cardial Patriarca, entre alas da «Mocidade Portuguesa» e sob uma chuva de flores dirigem-se para o salão de festas do Liceu D. Filipa de Lencastre, onde se realizou a sessão solene que encorrou a «Semana da Mãe». Durante a cerimónia foram distribuídos prémios de natalidade a famílias numerosas e o sr. ministro da Educação Nacional anunciou novos e importantes apoios à patriótrica obra



A Missão Militar Inglesa com os srs. Presidente da República e embaixador de Inglaterra no Palácio de Belem, onde o almirante Woodhouse e os oficiais sob o seu comando foram apresentar cumprimentos. — A' direita: Os dois chefes das missões inglesa e portuguesa despedindo-se a bordo do «Alcântara»



Um aspecto do banquete de despedida no Aviz Hotel aos componentes da missão portuguesa, tendo presidido o sr. almirante Woodhouse que dava a direita ao sr. general Tasso de Miranda Cabral. Trocaram-se amistosos brindes, recordaram-se fases curiosas dos trabalhos realizados, a que presidiu sempre um elevado espírito de camaradagem e defendeu-se entusiásticamente a aliança luso-britânica



A equipa de futebel do Sporting Clube de Portugal, que pela sexía vez consecutiva ganhou o campeonato de Lisboa

A s recentes decisões do congresso federativo mudaram profundamente a orgânica regulamentar do futebol português; sintoma natural da evolução do desporto, ao qual a experiência aconselha a necessidade de sucessivos aperfeiçoamentos, mas que neste caso nos deixa perplexos quanto a certeza de tratar-se de medidas que determinem progresso ou melhoria nas condições de vida no popular jôgo da bola.

De quantas alterações os congressistas introduziram nos regulamentos federativos, duas há que assumem excepcional importância e não podem passar em ambiente de silêncio que se preste à interpretação de incondicional aplauso da ofinião pública: uma é a que determina taxativamente o direito de prorogação dos contractos dos jogadores pelos clubes a que estão ligados, mesmo contra a vontade daqueles; outra é a transformação do Torneio da Liga em Campeonato Nacional, mantendo-se os antigos preceitos que o regiam.

Contra a primeira pugnou denodadamente, argumentando com os recursos do bom senso e da moralidade, o secretário da F. P. F., sr. capitão Maia de Loureiro, vencido pelo egoismo dos votantes em cujo espírito apenas pesava o desejo de salvaguardar interesses mandatários dos clubes a que todos directa ou indirectamente se encontram ligados, sem ponderar os legítimos direitos da liberdade individual.

A segunda foi já condenada pelo nosso camarada de imprensa Tavares da Silva, e como êle confessamo-nos surprêsos ante a decisão dum organismo constituído pelas associações regionais de todo o país e império, resolvendo chamar campeonato nacional uma competição onde apenas admite a entrada de representantes de Lisboa, Pôrto, Coimbra e Setúbal. Como se os restantes distritos não fizessem parte de Portugal!

Esqueceram os orientadores responsáveis do futebol que na lista dos campeões nacionais figuram, além dos clubes de Lisboa e Pôrto, o algarvio Olhanense e o madeirense Marítimo, ao passo que lá não encontramos rasto dos filiados das outras duas regiões agora previlegiadas; mais pasmoso é ainda êste esquecimento em pessoas incumbidas de representar os interêsses das associações escorraçadas do campeonato e que deram o seu voto a semelhante exclusão! Sucedeu assim, por exemplo, com o Algarve, contradizendo o voto expresso em épocas passadas para que lhe fôsse aberto o acesso à l.a. Liga.

Estas atitudes explicam-se pela má escolha dos delegados regionais; os representantes da maioria das associações provincianas são pessoas residentes em Lisboa, ligados ao interêsse das colectividades lisboetas e escolhidos por influência de amizades pessoais ou política

clubista, de forma que em actos de voto inclinam-se no sentido das conveniências do seu verdadeiro meio e não daquele cuja representação é a penas um pretexto para servir o primeiro.

A saída a público dêste número da Ilustração coincide com o dealbar de novo ano. Fechou, na existência dos homens, um ciclo periódico e outro se abre para o qual começamos a contar de novo.

Embora ainda recentes, factos dos
quais nos separa
apenas o curto espaço de semanas,
passaram a ser doutro tempo, pertencem ao ano findo e
incluem-se indistin-

A QUINZENADESPORTIVA

tamente num conjunto de acontecimentos cuja individualidade se perdeu no conceito das nossas recordações que só os consideram desde hoje englobados no reportório das actividades similares.

A impressão de resumo colhida nesta época transitória relanceando o pensamento pelos elementos que vinte e quatro vezes foram pretexto para estas crónicas desportivas, é semelhante aquela que o viajante recebe ao cabo da jornada volvendo para traz o olhar após longo percurso numa planura invariável: o olhar fixa àquem e àlem pormenores que se confundem na meia tinta geral, mas não encontra um factor de realce que assinale caracterizadamente o panorama observado,

O desporto português em 1938 foi assim, monótono e incaracterístico; os acontecimentos marcantes, aqueles que o interêsse público considerou com maior entusiasmo foram, afinal, apenas os mesmos de todos os anos, a renovação periódica das lutas regulamentares do nosso programa de actividades internas.

Perscrutando os horizontes, sem fixar atenção sóbre êsses pequenos grandes factos obrigatórios, finais de campeonatos, rivalidades clubistas, etc., a memória prende-se em quatro pontos que constituem talvez o único activo a reter no balanço da temporada: a campanha internacional da selecção portuguesa de futebol, o concurso de gimnástica educativa, a Volta a Portugal em bicicleta e a parada gimnástica da Mocidade Portuguesa.

Os feitos dos nossos melhores jogadores da bola, vitoriosos de quantos adver-



Oi devortos do glio e da neve retomaram actividade; os trmãos Pousta, graciosos 15 e 16 anos, autigos curveites austríacos serio este ano os Javoritos alemãos nas grandes competificos amadais.

sários vieram defrontá-los no território português e defrontando com denodo selecções consagradas em terreno estrangeiro, reverdeceram os fanados loiros de Amsterdão e cercaram de prestígio o nome do desporto lusitano chamando para êle a atenção da crítica europeia. É proeza que marca uma época e cuja influência na evolução da nossa posição internacional pode vir a ser, em futuro oróximo, decisiva.

O reaparecimento da Volta a Portugal em bicicleta no calendário de actividades desportivas portuguesas corresponde ao ressurgimento duma modalidade das mais populares; a importância que concedemos ao acontecimento provém sobretudo do facto de haver concluido o periodo de abstenção dos seus organizadores, fundamentado em questões de princípio que abonavam pouco o critério dos altos poderes dirigentes do ciclismo.

O concurso de gimnástica e a parada da Mocidade, associam-se no valor do significado; o êxito técnico e de acolhimento público que coroou ambas as iniciativas são sintomas preciosos do incremento que estão tomando, no meio os sãos princípios da educação física nacional.

Terminou o campeonato de Lisboa de futebol e pela sexta vez consecutiva o Sporting Clube de Portugal conserva em seu poder o ambicionado título.

Recorda-nos que há dois anos, quando a seqüência dos factos começava a indicar com maior precisão que os "leões iriam pela quarta vez ganhar a prova regional, um dos mais ilustres críticos da especialidade intitulava uma das suas crónicas de comentário: "A caminho da proeza incrivel».

Afinal a "incrível proeza, já se prolongou por mais duas temporadas, anulando tôdas as previsões, excedendo todos os feitos notáveis do passado; nos anais do futebol só encontramos, que se lhe possa comparar, a triplice vitória do Benfica no torneio da Lieza.

O campeonato de Lisboa, pelo valor dos seus participantes, pela dureza e dificuldade da competição, não
é comparável a qualquer
outro compeonato regional.
Seis triunfos a fio, em Lisboa, só são na verdade
críveis depois de verificados

Desde a época de 1933-34 até esta que findou há poucos dias, o Sporting, campeão indestronável, jogou 62 encontros de campeonato, venceu 46, empatou 7 e só foi vencido 9 vezes:

Os filandeses prosseguem metódicamente a sua preparação alimpica; o antigo corredor e compeño munital Poavo Nurmi, sesciassificado por actos de profissionisismo é hoje o tectuador dos corredores de funcio e véne-lo, à direita, aconselhando o compara esta compara de profissionismo e venedor dos dese quidimentes de vilente, acionismo esta principa de principa acionismo.

quatro pelo Benfica, três pelo Carcavelinhos e duas pelo Belenenses. Os seus homens marcaram nas redes adversárias 225 pontos e consentiram nas suas apenas 62.

Durante esta meia dúzia de épocas vitorosas, o clube do Campo Grande utilizou, para efeitos de campeonato regional que são os únicos a que se refere a nossas estatística, 54 jogadores, dos quais 5 guarda-redes, 8 defezas, 17 médios e 24 avançados; entre todos êstes cinco apenas participaram na totalidade dos torneios sendo portanto os únicos "hexaneios sendo portanto os únicos "hexa-

O «bashet é agora o jógo preferido pelas desportistas de Lisboa; oferecemos-lhe, para contraste, esto imogem das suas precursoras quando em 1905 começoram em Inglaterra a prática do «netball», antepassado directo do seu sesporto favorito

campeões: João Jurado, Adolfo Mourão, Rui Araujo, Manuel Soeiro Vasques e Joaquim Serrano.

O jogador que maior número de encontros disputou nos 62 que os seis campeonatos comportaram foi Rui de Araujo, com 57 presenças, seguido por Manuel Soeiro, 53, João Jurado 52 e Adolfo Mourão 51; Joaquim Serrano, o imediato apenas participou em 37 jo-

O mais eficaz de todos os avançados leoninos tem sido Soeiro, autor de 52 pontos, ou seja quasi um quarto de quantos o Sporting conseguiu em seis anos de prova; vêm depois Pireza com 27, João Cruz com 20 e Mourão com 18, mas entre êstes três marcadores e o detentor do "record" global, intercala-se um outro "recordman", o actual avançado centro Fernando Peyroteo que em 20 jogos distribuidos por dois campeonatos conseguiu introduzir 35 vezes a bola na baliza contrária.

Éstes retinidos elementos estatísticos, que põem em foco a forma insofismável como o clube dos "leões» impôs durante seis épocas a sua superioridade regional, focam simultâneamente o valor efectivo da sua linha avançada, o grande triunfo no seu jôgo dos últimos campeonatos.

O Sporting dispõe de cinco atacantes que podem, sem prejuizo da capacidade da equipa, alinhar na integra no grupo representativo nacional; com tais artilheiros, e um homem tão seguro como Azevedo a defender-lhe as redes, o clube pode permitir-se fraqueza relativa nos restantes elementos da defesa e meia-defesa, onde aliás não existe qualquer jogador cuja classe contraste com a dos companheiros.

SALAZAR CARREIRA.



Bridge

(Problema)

Paus - 2

Espadas — R. Copas — 8, 7, 6 Ouros — R. Paus — A. R. N Espadas — D.
Copas — A. 10
Ouros — D. 5, 4, 3
Paus — — —

Espadas — A. 2 Copas — R. V. 3 Ouros — A. Paus — 3

Trunfo espadas. S joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 4 c, O - 5 c, N - 8 c, E - 3 c.

N > A c, E - 8 c, S - 2 p, O - 10 c. N > R p, E - 9 c, S - 2 c, O - 8 p. (a).

N > A e, E - 9 e, S - 2 e, O - 8 p. (a) N > A e, E - D e, S - 2 e, O - 9 p.

 $\mathbf{N} \rightarrow 3 e$, $\mathbf{E} - \mathbf{R} e$, $\mathbf{S} - \mathbf{V} p$, $\mathbf{e} \cdot \mathbf{S}$ faz as 2

vasas restantes.

(a) Se E se balda a V θ, teremos N — R β, E
 — V θ, S — A β, O − 8 β.

 $\mathbf{S} - \mathbf{A}$ 0, 2 0 e 2 e que \mathbf{N} prende com \mathbf{A} e, fazendo \mathbf{O} e \mathbf{E} apenas o \mathbf{R} e.

Aritmética chinesa

Os chineses possuem um método engenhoso para contarem por meio dos dedos das mãos, com os quais efectuam tôdas as operaçõs de somar, diminuir, multiplicar e dividir, desde um até cem mil.

Cada dedo da mão esquerda representa nove algarismos, a saber: o dedo auricular ou mínimo, representa as unidades; o anelar, as dezenas; o médio, as centenas, o indicador, os milhares e o polegar, as dezenas de milhares.

Contando as três juntas de cada dedo, desde a palma da mão à ponta do dedo, contam uma, duas, três, das denominações mencionadas.

Quatro, cinco e seis contam-se pela parte posdas juntas do dedo, do mesmo modo.

Sete, oito e nove contam-se sôbre o lado direito das juntas, na direção da palma para a ponta do dedo.

O dedo indicador da mão direita empregamno como ponteiro para contar. Deste modo indicam r 2 3 4, tocando a primeira junta do indicador da mão esquerda, depois a segunda do dedo maior pelo lado da palma; em seguida, a terceira do anelar, e por último a junta do mínimo próxima à palma pela parte exterior.

Quem quizer, poderá ensaiar este método por si mesmo e, praticando-o, conseguirá dentro de pouco tempo, contar facilmente por meio da aritmética chinesa.

Velhice invejável

Há poucos jogos — pelo menos daqueles ao ar livre — que possam ser jogados por nonagenários, posto que o tennis, como se sabe pelo exemplo do rei da Suécia, favorece às vezes os octogenários.

O croquet, únicamente, é que obedece mais à reflexão dos jogadores do que à sua agilidade física. E há uma senhora inglesa, mrs. Treike, com 94 anos, que ainda toma parte em partidas de croquet, batendo regularmente, parceiros da idade de seus netos.

De resto, mrs. Treike, ainda canta e toca piano; pinta e escreve e propõe-se continuar estas ocupações até fazer cem anos.

Levanta-se cêdo e vai muitas vezes de noite, ao teatro ou a concêrtos. Á volta, sobe desembaraçadamente a escada da sua casa e ainda trepa dois degraus dum banquinho para se meter no seu grande leito de colunas, que tem uma antiguidade de cento e cinqüenta anos.

Quebra-cabeças

(Solução)



Cartas de jogar

Muita gente está convencida, por ter lido isso centenas de vezes, de que as cartas de jogar foram inventadas para distrair Carlos VI de França, nos longos anos que viveu em grande decadência intelectual e funda melancolia; mas tal afirmação não é comprovada e o que é facto é não se saber desde quando elas existem.

Há um baralho no Museu Britânico ao qual se atribue, com verosimil chança, a existência de mais de mil anos; e no século XII já havia cartas de jogar na China e no Japão, com os seus desenhos característicos. Em 1420, tôda a gente jogava cartas, chegando o vício a tal ponto que nos púlpitos os prègadores pronunciavam sermões inflamados contra êle, conseguindo que muita gente entregasse os baralhos que pussuia, para serem queimados na praça pública.

Os alemães foram sempre grandes jogadores de cartas, e os naipes dos seus baralhos eram: corações (copas), sinos, bolotas e fólhas Sabendo-se o menosprêzo em que tinham as mulheres, não é para admirar que êles não usassem damas, mas apenas cavaleiros (valetes) e reis.

Depois da revolução francesa os reis foram banidos das cartas, e nos lugares dêles passaram a figurar: Molière, La Fontaine, Voltaire e Rousseau. Em vez das raínhas (damas ou sotas), foram representadas: Venus, a Fortuna, Ceres e Minerva.

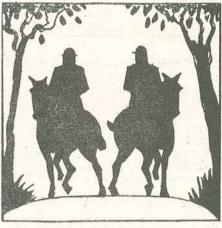
Também se sabe que na Alemanha, há bastantes anos já, os valetes eram generais alemãis.

0 pomar

(Solução)

66 macieiras, 44 pereiras, 12 ameixieiras, 42 cerejeiras e 28 nogueiras.

Ilusão óptica



Olhem fixamente para estes dois cavaleiros e vejam lá em que sentido parece que vão andando os dois cavalos?

Testamento dum excêntrico

(Problema)

Ricardina tinha um padrinho generoso, mas original, que morreu, deixando ao seu testamenteiro, as seguintes instruções:

«A minha afilhada deve casar brevemente. Quando nascer o seu primeiro filho, desejo que se repartam 140.000 escudos entre a mãe e a criança. Se esta fôr um rapaz, dêem-lhe o dôbro do que derem à mãe. Se fôr rapariga, quero que receba metade do que a mãe receber».

Ora, a afilhada deu à luz dois gêmeos, uma rapariga e um rapaz.

Como conseguiu o testamenteiro respeitar e executar as últimas vontades do testador?

Anagramas cinematográficos

(Solução)

1 - Loretta Young.

2 - Joan Crawford.

3 — Clark Gable.

4 — Singer Rogers.
 5 — Fred Astaire.

6 - Shirley Temple.



Rapariga moderna (para o mancebo limido): — Ora, diga ld, sob a sua palavra de honra... Você já fez alguma vez isto a uma rapariga? (Do «The Happy Magazine».)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462\$61

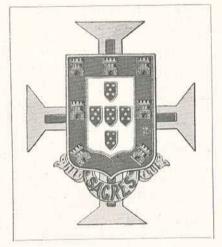
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

Α

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207\$83

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 - (Edificio próprio) - Telef. 2 4171

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

Encontra-se quási esgotado o

Almanaque Bertrand

para 1939

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

UM GROSSO VOLUME DE 384 PÁGINAS, ILUSTRADO COM 374 GRAVURAS

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND Rua Garrett, 73-75 — LISBOA Indispensável a Juízes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariais), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO DR. LUÍS DE PINA

Professor da Faculdaole de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Pôrto

A primeira olbra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da leggislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Daactiloscopia, à Policia científica, etc.

Completas indicaçõões bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24×16 ½, com desenhos do autor, 30\$00;; pelo correio à cobrança, 33\$00

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À VENDA

A 2.ª EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANCA

ROMANCE

POR SAMUEL MAIA

1 volume brochado 12\$00 Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonsica.

> Um formosissimo volume ilustrado

> > 6800

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75-LISBOA

COLECÇÃO

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de familia, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida Em volta dum testamento Pequena rainha Divida de honra Casa de nonra Casa de família Entre espinhos e flores A estátua velada O grito da consciência Romance duma herdeira Romance duma herdeira Pedras vivas A pupila do coronel O segredo de um berço A vila das pombas O calvário de uma mulher O anjo do lar A fórça do Destino Batalhas do Amor Uma mulher ideal Ilusão perdida

SELMA LAGERLOF

Os sete pecados mortais e outras histórias Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS

PROSA

| ADDITION TO THE PARTY OF THE PA | |
|--|--|
| ABELHAS DOIRADAS — (3.5 edição), i vol. Euc. 13\$00; | |
| br | 8500 |
| — (1.8 edição), 1 vol. br ALTA RODA — (3.5 edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br | 15\$00 |
| AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3,4 | 1.2900 |
| edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br | 12500 |
| AO OUVIDO DE M. ue X. — (5.ª edição) — O que en lhe | |
| disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, | |
| 1 vol. Enc. 14\$00; br | 0.500 |
| ARTE DE AMAR — (3.4 edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10500 |
| AS INIMIGAS DO HOMEM - (5.4 milliar), 1 vol. Enc. | |
| CAPTAS DE LONDRES (28 edicio) y vol. Pre 1-500; | 12\$00 |
| CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br | 10\$00 |
| COMO ELAS AMAM — (4.3 edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| CONTOS — (2.4 edição), 1 vol. Enc. 13500; br | 8\$00 |
| DIALOGOS — (2,ª edição), 1 vol. Euc. 13500; br | 8\$00 |
| DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO- DA ACADEMIA, I vol br | 1850 |
| ELES E ELAS - (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br | 8\$00 |
| ÉLES E ELAS—(4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br ESPADAS E ROSAS—(5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; | |
| br. EVA — (1.* edição), 1 vol. Euc. 15\$00 ; br | 12500 |
| FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. | ANTACOSTIC. |
| Enc. 13550; br. | 8\$00 |
| GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. | 0.0 |
| 13\$00; br | S\$00 g\$00 |
| HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR - (Confe- | 9400 |
| rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br | 6\$00 |
| OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8500 |
| PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Euc. 17\$50; | 12550 |
| br. POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- | ****** |
| rência), 1 fol. | |
| | 2500 |
| rência), 1 fol. UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), | - |
| 1 fol | 1\$50 |
| 1 fol | - |
| 1 fol | 1\$50 |
| VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Euc. 17\$00; br POESIA | 1\$50 12\$00 |
| 1 fol | 1\$50 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br | 1\$50 12\$00 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.2 edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br | 1\$50 12\$00 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA—(3.* edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br | 1\$50 12\$00 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.* edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5.* edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.* edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.* edição), 1 vol CASTRO (Δ) — (2.* edição), br | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 3\$00 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Euc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.ª edição), 1 vol. Euc. 11\$00; br SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Euc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol CASTRO (A) — (2.ª edição), br CBIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 1\$50 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3,2 edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5,4 edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2,2 edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3,4 edição), 1 vol CASTRO (A) — (2,4 edição), br CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27,4 edição), 1 vol. br CRUCHFICADOS — (3,4 edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br CRUCHFICADOS — (3,4 edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 3\$00 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.* edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5.* edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.* edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.* edição), 1 vol. CASTRO (Λ) — (2.* edição), br CEIA (Λ) DOS CARDIAIS — (27.* edição), 1 vol. br CRUCHITCADOS — (3.* edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br D. BELTRÃO DE FIGURIROA — (5.* edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.* edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 3\$00 1\$50 8\$00 3\$00 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol CASTRO (A) — (2.ª edição), br | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 1\$50 8\$00 3\$00 2\$00 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 1\$50 3\$00 2\$00 2\$00 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.* edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5.* edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.* edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.* edição), 1 vol. control de la control | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 1\$50 8\$00 3\$00 2\$00 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$eo; br POESIA NADA — (3,² edição), 1 vol. Enc. 11\$eo; br SONETOS — (5,² edição), 1 vol. Enc. 9\$eo; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2,² edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3,² edição), 1 vol | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 3\$00 3\$00 3\$00 3\$00 3 |
| 1 fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$eo; br POESIA NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$eo; br SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$eo; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol CASTRO (A) — (2.ª edição), br. CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br CRUCHITCADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$eo; br D. BELTRÃO DE PIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$eo; br. D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br 1023 — (3.ª edição), 1 vol. br O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 3\$00 1\$50 8\$00 2\$00 4\$00 2\$00 4\$00 |
| T fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 3\$00 1\$50 8\$00 2\$00 4\$00 4\$00 4\$00 4\$00 2\$00 9\$00 |
| POESIA NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br **POESIA** NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br **TEATRO** AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. co CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. co CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br CRUCHITCADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 3\$00 1\$50 8\$00 2\$00 4\$00 2\$00 4\$00 |
| T fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 3\$00 1\$50 2\$00 2\$00 4\$00 2\$00 9\$00 5\$00 9\$00 5\$00 |
| Tol. | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 3\$00 1\$50 2\$00 2\$00 4\$00 4\$00 4\$00 4\$00 2\$00 9\$00 5\$00 2\$00 9\$00 5\$00 2\$00 |
| T fol. VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br POESIA NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br TEATRO AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol | 1\$50 12\$00 6\$00 4\$00 3\$00 3\$00 3\$00 1\$50 2\$00 2\$00 4\$00 2\$00 9\$00 5\$00 9\$00 5\$00 |

Pedidos à

\$\$00

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75-LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.

O cliente paga a 1.º prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. > 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o l.º prémio da última lotaria do mês NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES conforme a sorte bafejar o comprador, Desta vantagem NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.º prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND—Rua Garrett, 73—LISBOA



Leitura captivante e educadora-Aspecto interessante e atraente Sumários variados e tentadores

Páginas magnificas sóbre: Família e Arte de Viver-Beleza e Higiene Modas - A Casa, O Lar, O Jardim - Alimentação
- Movimentos, ginástica

ROMANCES - NOVELAS - CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CORES

FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artística capa a côres, Esc. 3800

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA